Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

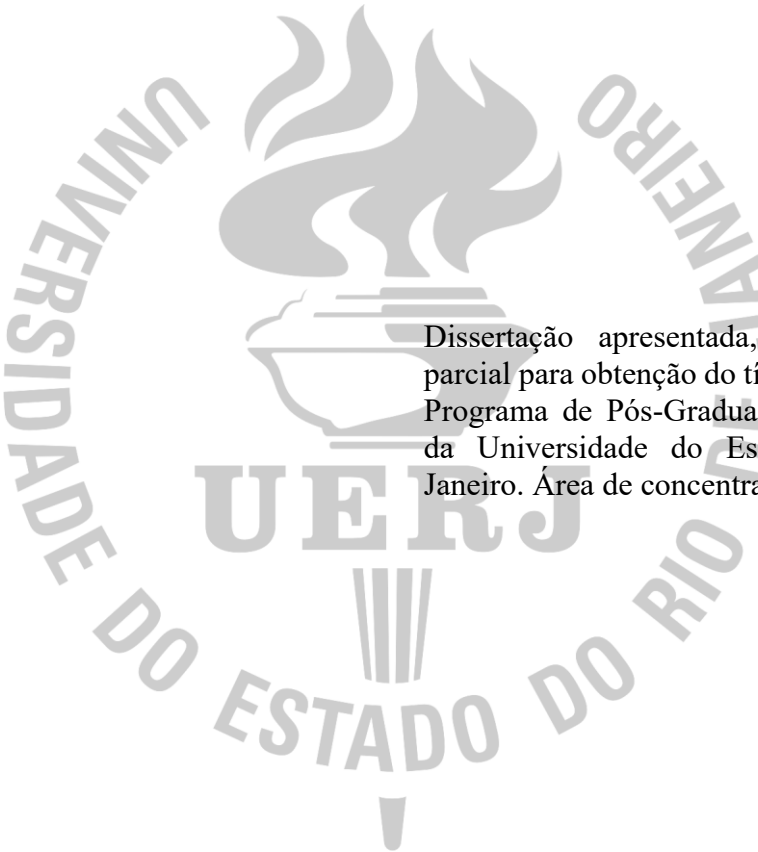
Marcelo Martins Mourão

Cartografias do feminismo contemporâneo à luz da tríade anti-universalista de Foucault, Butler e Preciado

Rio de Janeiro
2023

Marcelo Martins Mourão

Cartografias do feminismo contemporâneo à luz da tríade anti-universalista de Foucault, Butler e Preciado



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Fabiano de Lemos Britto

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/A

M929 Mourão, Marcelo Martins.
Cartografias do feminismo contemporâneo à luz da tríade anti-universalista de Foucault, Butler e Preciado / Marcelo Martins Mourão. – 2023.
81 f.

Orientador: Fabiano de Lemos Britto.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Institu to de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Feminismo - Teses. 2. Foucault, Michel, 1926-1984 - Teses. 3. Butler, Judith, 1956- - Teses. 4. Preciado, Paul B., 1970- - Teses. I. Britto, Fabiano de Lemos. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 396

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Marcelo Martins Mourão

Cartografias do feminismo contemporâneo à luz da tríade anti-universalista de Foucault, Butler e Preciado

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Filosofia.

Aprovada em 10 de março de 2023.

Banca Examinadora:

_____

Prof. Dr. Fabiano de Lemos Britto (Orientador)

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

_____

Profa. Dra. Carmel Ramos

Universidade Federal do Rio de Janeiro

_____

Profa. Dra. Priscila Cupello

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente ao meu orientador, Fabiano Lemos, por todo apoio, em especial nos momentos mais tortuosos que passei ao longo de extenuante pandemia, seu socorro e orientação são o que permitiu que esse trabalho fosse concluído.

A profª Drª Carmel Ramos por participar da banca, seus apontamentos e sua envergadura filosófica permitiram que encontrasse algum caminho dentre os escombros.

A profª Drª Priscila Cupello, pela generosidade em participar e contribuir com sugestões que ajudaram a trilhar o passo.

A Marcelo Azevedo, Raquel Porto e Clara Callado, por ajudarem a passar os momentos mais turbulentos de meus últimos anos, que permitiram ainda chegar aqui.

A Leila Luzia Azevedo Neves por tanta ajuda que não pode nem precisa ser mensurada nesse pequeno espaço.

Aos secretários do PPGFIL, Luis e Daniel, por tantas ocasiões me socorrerem e serem os profissionais que são, em se considerando a dinâmica "uerjiana".

Cidah, Mariana e Joaquim, pelos momentos de vivência na Uerj.

Ao amigo Denilson, por tanto apoio desde a graduação, tu tens parte nessa jornada, não esquecerei.

E por fim e não por menos, ao "amigo", "irmão" e agora doutor, Prof. Leonardo Azevedo. Tanto já foi dito diretamente a ti, que só quero deixar registrado que tua amizade é o porto seguro no qual retorno, tendo enfrentado ou não a tempestade!

Aos que não estão por aqui, fica minha dívida, como para ti pai, por tudo que pode e soube fazer.

“não me pergunte quem sou e não me
diga para permanecer o mesmo […]”

Michel Foucault, A Arqueologia do Saber

RESUMO

MOURÃO, Marcelo Martins. *Cartografias do feminismo contemporâneo à luz da tríade anti-universalista de Foucault, Butler e Preciado*. 2023. 81 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

O presente trabalho visa percorrer o panorama conceitual de Michel Foucault, Judith Butler e Paul Preciado, e suas interpretações acerca de formação da identidade/subjetividade, para entender de que modo é possível interpretar os movimentos feministas sobre óticas que desconsideram todo caráter de universalismo do signo. Ainda que os chamados movimentos feministas em Ondas não busquem naturalizar o gênero, e as mais diversas facetas podem ser encontradas considerando de qual "feminismo" estiver sendo analisado, iremos por meio dos autores entender como é possível ser feministas, sem considerar o gênero como fundação da discussão política, usando as contribuições que os autores citados trazem para a teoria crítica feminista. Para tanto, reconstruiremos os deslocamentos provocados por meio de suas obras em relação às posições hegemônicas que possam enfatizar um essencialismo ontologizante do feminino. No caso de Foucault, sua crítica aos universais ajuda a sustentar novas óticas acerca do paradigma identitário do feminino em um caráter não ontológico. Butler por sua vez, ao escrever *Problemas de Gênero*, apontou para os limites da distinção sexo/gênero operada no feminismo, ajudando em uma ressignificação do quadro político. Por fim, com Preciado e sua conceitualização filosófica experimental apresentada em *Testo Junkie* percebemos como o gênero é uma máquina biopolítica que pode ser modificada conforme o arbítrio do indivíduo e sua autoidentificação. Portanto, embora os autores partam de diferentes contextos, influências e quadros teóricos, enfatizaremos como suas ferramentas conceituais ajudam a reformular e atualizar os modelos de diagnóstico dos signos na teoria feminista.

Palavras-chave: feminismo; gênero; Foucault; Butler; Preciado; sujeito.

ABSTRACT

MOURÃO, Marcelo Martins. *Cartographies of contemporary feminism in light of the anti-universalist triad of Foucault, Butler and Preciado.* 2023. 81 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

The present work aims to go through the conceptual panorama of Michel Foucault, Judith Butler and Paul Preciado, and their interpretations about the formation of identity/subjectivity, to understand how it is possible to interpret the feminist movements from perspectives that disregard any character of universalism of the sign . Although the so-called feminist movements in Ondas do not seek to naturalize gender, and the most diverse facets can be found considering which "feminism" is being analyzed, we will, through the authors, understand how it is possible to be feminists, without considering gender as a foundation. of political discussion, using the contributions that the cited authors bring to feminist critical theory. To do so, we will reconstruct the displacements caused by her works in relation to the hegemonic positions that may emphasize an ontologizing essentialism of the feminine. In the case of Foucault, his critique of universals helps sustain new perspectives on the feminine identity paradigm in a non-ontological character. Butler, in turn, when writing Gender Problems, pointed to the limits of the sex/gender distinction operated in feminism, helping to reframe the political framework. Finally, with Preciado and his experimental philosophical conceptualization presented in Testo Junkie, we realize how gender is a biopolitical machine that can be modified according to the individual's discretion and self-identification. Therefore, although the authors depart from different contexts, influences and theoretical frameworks, we will emphasize how their conceptual tools help to reformulate and update models of diagnosis of signs in feminist theory.

Keywords: feminism; gender; Foucault; Butler; Preciado; subject.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	8
1	**FEMINISMO – SEU PERCURSO, SUA VOZ**	10
1.1	Feminismo de Primeira Onda e a *Querelle des Femmes*	13
1.2	Feminismo de Segunda Onda, Beauvoir e Friedan	24
1.3	Feminismo de Terceira Onda, movimentos raciais	30
2	**FORMAÇÃO DO SUJEITO NA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA**	34
2.1	Foucault e a construção da figura do sujeito	34
2.2	Butler: sujeito como performance	43
2.3	Preciado e o corpo como prótese	50
2.4	Spivak e sua força de resistência decolonial	65
3	**PERSPECTIVAS EPISTÊMICAS FAVORÁVEIS E CONTRARIAS**	67
3.1	Feminismo e subjetividade em Foucault	67
3.2	A diferença sexual e a epistemologia mutante de Preciado	70
3.3	Butler e a crítica à psicanálise	74
4	**MODELO FARMACOPORNOGRÁFICO X MODELO PERFORMÁTICO**	76
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
	REFERÊNCIAS	80

INTRODUÇÃO

Desde nosso nascimento, um gesto se instala em nossos corpos, somos designados a priori num signo identificável e aceito socialmente. Pego-me como referência, sou cisgênero, caucasiano, de aproximadamente 1,77m de altura; esses "*atributos*" ajudam a compreender quem é esse sujeito identificado socialmente como Marcelo? Podemos entender que as dinâmicas operadas por esses atributos apenas estabelecem o modo segundo o qual apareço objetivamente no mundo, mas como esse Ente que aparece se comporta e segundo quais condições?

Deleuze em "Conversações" e "Foucault" sobre a "indignidade de falar pelos outros"

Para o senso comum predomina uma ideia na qual os signos são abstrações representacionais de evidências empiricamente objetivas. Assim conceitos como *Corpo* e *Sujeito* (para delimitar aqui nosso interesse investigativo) foram historicamente tomados como um duplo unívoco – um Eu que pode ser remetido a uma natureza corpórea, num destino finalista estruturado.

Partilhando das análises genealógicas de Foucault, Butler e Preciado, podemos identificar que as "estruturas" subsumidas não são auto evidentes: as representações significantes não passam de ficções simbólicas possuindo funções políticas de regulação e manutenção de determinados *status quo*. Investigar os modos de subjetivação historicamente seria um processo deveras hercúleo. O pano de fundo no qual nos concentramos é um território especifico, um campo de batalha diário que todo arcabouço filosófico parece não ter acesso. Atuando por pouco mais de 07 (sete) anos na atividade docente, dentro do segmento do ensino médio, percorri muitas alteridades na figura dos meus discentes, e com isso percebi que todo aparato da manualesca história da filosofia funcionava para todo o alicerce fundando pelos anos na academia, mas uma jovem ou um jovem, que se entendessem como de um gênero ou sexualidade divergentes da norma social mais aceita, a heteronormatividade, todo ferramental filosófico soava como língua morta para aqueles que não tinham sido "iniciados" dentro dessa idílica terra desconhecida da historiografia filosófica.

Portanto esse trabalho busca não um diálogo profícuo e profundo com a academia. Ele busca um diálogo com esse docente, que se encontra lançado num "real" que deseja se entender, mas que os dispositivos que têm disponíveis precisam não apenas ajudar seu olhar docente, mas ajudar a entender uma questão que serve de fio condutor do trabalho, como formo essa identidade masculina, heteronormativa, que enseja não se modificar, mas não aceitar o jogo prévio das atribuições semióticas, seja por meio do discurso, como nos ajudará

a entender Foucault, seja por meio dos gestos de autocriação social, como vermos com o suporte de Butler, e por fim, com o uso de fármacos, designando meu ser, como se permitiu Preciado.

Uma pergunta se coloca no momento em que o trabalho começa, é possível um homem falar de um ou vários feminismos? Com isso o posicionamento inicial de formular uma cartografia ajuda na compreensão dos termos mesmos que vão legitimar, ou não, a participação num circuito de signo diverso, como iremos identificar em figuras como La Barre e Mill.

Iniciaremos o percurso com a apresentação histórica do(s) feminismo(s) até seu momento atual, depois, percorremos os modos segundo os quais autores diversos apresentaram suas análises referentes à formação do sujeito e, por fim, lançando mão do aparato epistemológico dos autores apresentados anteriormente, mapearemos o modo como pode ser apresentado o feminismo na contemporaneidade.

1. FEMINISMO – SEU PERCURSO, SUA VOZ.

Para começar a jornada, é preciso saber se compreendemos – mesmo que consideremos saber de fato algo – o que está em jogo e como é formulado o feminismo.

A historiadora americana Karren Offen no artigo *"Defining Feminism: A Comparative Historical Approach*"1 irá propor dois modos de interpretação que ajudam a conduzir ao entendimento acerca da formulação da palavra feminismo, um tipo relacional e outro individual:

> O feminismo relacional enfatizou os direitos das mulheres como mulheres (definidas principalmente por sua maternidade e/ou capacidades nutritivas) em relação aos homens. Insistiu nas contribuições distintas das mulheres nesses papéis para a sociedade em geral e fez reivindicações à comunidade com base nessas contribuições. Em contraste, a tradição feminista individualista de argumentação enfatizou conceitos mais abstratos de individualidade"(OFFEN, 1988, p.135, tradução minha).

> E do lado individualista de sua analise temos"A tradição individualista anglo-americana do feminismo é não obstante, o modelo no qual se baseou grande parte da discussão do feminismo pelos historiadores. Argumentos individualistas têm servido especialmente à causa das mulheres solteiras para justificar uma vida independente, não existência baseada na família em um mundo que permanece masculino definido. O surgimento de um grande grupo de mulheres solteiras emancipadas durante o século XIX estava fortemente entrelaçado com a prosperidade sem precedentes da classe média que o capitalismo comercial e industrial avançado criou nas sociedades ocidentais, e em nenhum lugar mais do que na Inglaterra e nos Estados Unidos" (OFFEN, 1988, p. 125).

Estas duas perspectivas são colocadas como pano de fundo do contexto social e politico em que se busca ver os primeiros gestos do feminismo. O feminismo relacional estaria ligado aos movimentos emancipatórios por meio da razão, do Iluminismo, com a cooperação entre homens e mulheres como agentes da modificação de um status quo que não teria fundamentos lógicos, racionais e ou naturais. O feminismo denominado provisoriamente por Offen como individualista, é o circuito de ações empreendias em especial pelas mulheres americanas e inglesas no contexto da busca por direitos políticos, como no caso das sufragistas (OFFEN, 1988). O feminismo possui alguns aspectos que lhe marcam um princípio, em especial o direito ao voto. As sufragistas, como ficaram conhecidas, promoveram passeatas deixando o Estados Unidos sob um ambiente de forte ebulição social; muitas foram presas, se recusavam a se alimentar como forma de protesto, criticavam o modo pelo qual as mulheres eram tratadas no espaço público, e repudiavam toda e qualquer atribuição que não considerasse a própria escolha da mulher. A desigualdade entre o masculino e o feminino é uma longa história de supressões,

[1] OFFEN, K, Defining Feminism: A Comparative Historical Approach, in: Signs. University of Chicago Press, 1988. USA

limites e definições simbólicas e pragmáticas, definindo o modo segundo o qual uma mulher deve *ser*, *agir* e *existir*. Dentre os primeiros nomes dentro dos movimentos feministas que marcam o início do que é denominado "primeira onda" são identificados no Ocidente como "resposta" a algumas conquistas da Revolução Francesa no que diz respeito à emancipação dos homens, a escritora e professora Mary Wollstonecraft comumente identificada como quem inaugura o movimento feminista ao escrever, em 1792, sobre a emancipação das mulheres em "Uma Reivindicação dos Direitos da Mulher." Juntamente com Mary Wollstonecraft, outras mulheres, ao longo deste primeiro período, se organizaram em torno da "*educação, direito ao voto e a igualdade no casamento, em particular o direito das mulheres casadas a dispor de suas propriedades*" (MIGUEL, 2014, p.21). Portanto, os marcos característicos das ondas feministas trazem, inicialmente, os interesses de mulheres europeias, brancas e burguesas (MIGUEL, 2014). Ainda que essas mulheres fossem prejudicadas por uma estrutura patriarcal que lhes impedia desenvolver os estudos, participar nas decisões das esferas públicas e privadas e mesmo de viver uma vida fora do espaço enclausurado do cotidiano doméstico, foram as suas condições de privilégios de classe que possibilitaram e visibilizaram, ainda que de forma difícil e escassa, suas lutas por esses direitos básicos. No contexto brasileiro, a escritora e educadora Nísia Floresta surge como sendo a primeira mulher feminista com destaque difundido. De família nordestina e burguesa, Nísia nasceu em 1810 e publicou alguns livros que divulgam um pensamento crítico e revolucionário sobre a condição da mulher e as regras sociais (COSTA e SARDENBERG, 2008)[2].

Desenvolvido por volta do século XIX, o termo feminismo surge em meados de 1911, no Estados Unidos, passando a representar os movimentos empreendidos por mulheres no período, em substituição a termos como "*movimento das mulheres e problemas das mulheres, para descrever um novo movimento na longa história das lutas pelos direitos e liberdades das mulheres*" (GARCIA, 2011, p. 12[3]). O movimento buscava criticar e se opor ao modo como um sistema masculino (patriarcal) determinava os destinos das mulheres do nascimento até a morte - índices comportamentais, a sujeição do si mesmo ao outro, modo de apresentação (vestuário), disposições sexuais, maternidade etc. Uma gigantesca economia de regras e signos

[2] COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecilia Maria B. O feminismo no Brasil: uma (breve) retrospectiva. In: COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecilia Maria B. (Orgs.). O Feminismo do Brasil: reflexões teóricas e perspectivas. Salvador: UFBA / Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2008, p. 23-50.

[3] GARCIA, C. C. Breve História do Feminismo. Editora Claridade. São Paulo, 2011.

foi calcada nos processos de formação social: desde a educação familiar à ritualística cristã, a mulher é determinada de partida para "*funcionar*" conforme o sistema patriarcal deseja.

De maneiras nada sutis, o espaço do feminino foi controlado por meio de tradições seculares: desde a Grécia Clássica, como apresentado por Nicole Loreaux em sua obra "Maneiras trágicas de se Matar Uma Mulher", na qual Louraux apresenta a representação do feminino na tragédia Grega, especificamente a respeito da morte de mulheres em tragédias, conforme expõe *: "uma mulher grega vivia sua existência de moça, de esposa e de mãe no lugar mais recôndito da casa; ela também devia partir desta vida de sua casa bem fechada, ao abrigo dos olhos, longe de todo o público"* (LOURAUX, 1988, p. 10),. à sociedade judaico-cristã, em particular o movimento protestante quarker, que pregava o abolicionismo e a igualdade de gênero,(ainda que tal empreendimento não foi lançado como movimento público de um ativismo em favor da igualdade de gênero visto que para os quakers o mundo dos não cristãos -não quakers, dentro de sua perspectiva- já seria um mundo caído e em pecado)(MEIRA, 2016); a mulher não apenas foi controlada mas também foram criados discursos e normas que criavam a identidade do feminino, definindo-o como frágil, inseguro, impotente e toda sorte de predicados pejorativos que paulatinamente foram introjetados nas consciências femininas, chegando na maior parte dos casos a levar a mulher a acreditar que seu modo de existir é o resultado fortuito de sua natureza, uma natureza inferior qualitativamente em relação à natureza do homem.

Considerando a questão levantada na introdução, para que possamos enfrentar as posições identitárias universais, e firmar uma posição favorável acerca da igualdade entre gêneros, é preciso dispor de figuras históricas que já se comprometiam em desarticular as máquinas de reprodução de desigualdades dentro de seus contextos históricos. Figuras como François Poullain de La Barre, Christine de Pizan, Mary Wollstonecraft, Sojourner Truth e John Stuart Mill, são alguns nomes que carregam aspectos de suas posições que lhes coloca dentro da constelação que buscamos para compreender o papel da identidade. Todos se posicionaram contra o escopo de seu contexto histórico tendo como um dos fios condutores a recusa na definição de uma hierarquia entre os gêneros que seja fundada na natureza, justificando uma diferença social impositiva. Outro ponto que buscamos compreender aqui é como figuras como La Barre e Stuart Mill já se encontravam céticos quanto a uma ontologia de gênero natural, se posicionando a favor da mulher.

1.1. Feminismo de Primeira Onda e a *Querelle des Femmes colocar em itálico palavras estrangeiras*

Percorrendo o caminho historiográfico de um período fundamental no debate sobre o(s)feminismo(os), identificamos na chamada Primeira Onda, uma reação ao status quo de seu momento histórico. Socialmente a mulher foi apartada de sua possibilidade de participação politica e social do mundo em que vive.

Muito antes desde o Renascimento, o pensamento predominante era de uma diferença de sexos que estabelecia o masculino como superior ao feminino, tanto em características físicas quanto cognitivas. No âmbito das instituições religiosas, a mulher foi significada como objeto; eram obrigações inerentes a sua própria natureza servir ao homem, cuidar da família (suas dimensões de procriação, manutenção e controle do lar), jamais desobedecer ao marido e nunca exercer funções de poder religioso, político ou institucional. Conforme nos exemplifica Carla Garcia, "*Questionado se o escravo liberto poderia ser sacerdote, São Tomás de Aquino respondeu que sim, pois o escravo é "socialmente inferior", enquanto a mulher é "naturalmente inferior*". (GARCIA, 2011, p. 25). Esta passagem nos dá a dimensão do poder que o sistema patriarcal possui sobre todas as expressões existenciais da mulher.

Mesmo vivendo em uma Era de esclarecimento e culto à genialidade, a mulher sempre foi mantida fora de qualquer condição de pertencimento a esses espaços. Contudo, este período e sua renovação conceitual também foram os alicerces para que o movimento feminista ganhasse o corpo e a clareza epistemológica que podemos reconstruir. O ponto buscado pelo movimento era a oposição sistemática à misoginia e suas forças repressoras.

Historicamente o movimento denominado de Primeira Onda é identificado com o movimento das sufragistas. Com as modificações políticas, jurídicas e trabalhistas que vinham ocorrendo na Europa no início da modernidade, as sociedades definidas como democráticas foram criando padrões mais igualitários e distribuídos, que beneficiaram, contraditoriamente, apenas alguns grupos de homens brancos e donos de propriedades, à revelia do restante da população. Estes mesmos grupos estabeleceram as regras dentro dos mais variados setores da sociedade, negando as mulheres a possibilidade de tomarem decisões em qualquer âmbito da vida social e, consequentemente, sobre suas próprias vidas.

Durante a Revolução Francesa, vemos o protagonismo das mulheres dentro dos eventos revolucionários, e um debate maior e mais contundentes acerca das demandas de igualdade entre os sexos. (GARCIA, 2011. P.40).

> A convocação dos Estados Gerais por parte do Luis XVI se constituiu no prólogo da Revolução. Os três Estados - nobreza, clero e povo - se reuniram para redigir suas queixas e apresentá-las ao rei. Elas foram excluídas e começaram a escrever seus próprios 'cahiers de doléance' (cadernos de queixas) que denunciavam precisamente as injustiças padecidas. Neles, as mulheres que se autodenominavam "o terceiro Estado do terceiro Estado", mostraram sua clara consciência de coletivo oprimido. Nesses cadernos, expressaram seu direito a educação, ao trabalho, direitos matrimoniais e direito ao voto. Também reivindicavam que a prostituição fosse abolida bem como os maus-tratos e os abusos dentro do casamento(GARCIA, 2011, p.41).

Percebemos também figuras numa posição extemporânea em relação a seus pares nesse período. Figuras como Poulin de la Barre, que contribuíram nas discussões sobre a disparidade infundada entre homens e mulheres surge como um índice da fraqueza do posicionamento que argumenta a favor de uma natureza que prescreve e define um indivíduo.

Poulin de la Barre, filósofo e escritor francês, na obra "Sobre a igualdade entre os sexos[4]", publicado em 1673, considerada a primeira obra feminista que busca explicitamente expor uma tese fundamentando uma demanda pela igualdade sexual, invoca o tema da comparação entre homens e mulheres, levando para o centro do debate e tornando possível uma reflexão sobre a igualdade. Na obra, por meio dos critérios da racionalidade, designa como é configurada às relações entre os gêneros, dispondo que as diferenças se encontram essencialmente no hábito, e não na natureza que lhes subjaz (GARCIA, 2011.p.38). Antecipa-se aos iluministas, criticando em especial o apego aos preconceitos, defendendo o acesso das mulheres ao conhecimento como remédio contra a desigualdade e como parte do caminho ao progresso que responde aos interesses da verdade.

A despeito da misoginia presente no pensamento filosófico de grande parte dos intelectuais da época[5], toda mudança política que supôs a Revolução Francesa, teve como consequência o nascimento do feminismo, tendo como contrapartida uma profunda rejeição e violenta repressão.

Ainda que no contexto do século XVIII, podemos analisar que alguns movimentos já se instauram na força de mudança. Durante esse período, o movimento empreendido pelas mulheres supôs a efetiva radicalização do projeto igualitário por meio da razão. Essa razão ilustrada, fundamentalmente crítica, permitia a capacidade de voltar-se sobre si mesma, podendo ela mesma detectar suas próprias contradições internas. E foi por meio desse escopo

---

[4] LA BARRE, F. On the Equality of the Two Sexes, in: Three Cartesian Treatires, University of Chicago Press, 2002

[5] Intelectuais como Rousseau compartilhavam do ideário da mulher como o ser fraco, necessariamente dependente, chegando a alegar que a mulher era naturalmente sujeitável e sua exclusão, desejável. (cnf. GARCIA, 2011. p.40)

da razão que as mulheres no período da Revolução Francesa buscaram reverter o quadro apresentando dentro da formação política e social desse novo Estado revolucionário, que não via contradição alguma em defender a igualdade universal e deixar sem direitos civis e políticos todas as mulheres[6].

Mas é preciso elencar os nomes que marcaram a história da resistência da mulher, primeiramente com aquela que se posicionou contra os ditames sociais de seu tempo, sem ter medo de enfrentar o status quo servindo-se do mesmo aparato que lhe impunha uma posição de subalternidade e deferência, a razão e a literatura, iremos agora apresentar Christine de Pizan(1363-1431).

Considerada umas das primeiras escritoras profissionais, Pizan foi um expoente entre seus pares; de capacidade intelectual invejável, empreendeu uma defesa das mulheres contra a tradição misógina e construiu uma posição discursiva de autoridade a partir de sua obra.

Em geral, quando pensamos em feminismo, mas especificamente na teoria feminista, consideramos sua gênese como tendo surgido nos séculos XIX e XX. A maioria dos estudos anglo-americanos sobre o movimento de mulheres reconhece alguns "precursoras" nas revoluções inglesa e francesa e nas figuras individuais como Anne Hutchinson.[7] Histórias do feminismo francês reivindicam um passado mais longo. Eles tendem a identificar Christine de Pisan (1364-1430?) como primeira figura que expressou ideais pró-mulher de Christine até a Revolução Francesa. Mesmo dispondo desse material literário, o sentido de uma tradução teórica feminista anterior à revolução é obscurecido. Mulheres feministas raramente aparecem na maioria dos livros sobre pensamento feminista no início da literatura moderna francesa e inglesa. Quando o fazem, eles e seus ideias parecem isoladas, separadas umas das outras e de nós por longos períodos de silêncio e inatividade.

Christine de Pisan pode ser considerada a primeira pensadora feminista, e o debate de quatro séculos sobre as mulheres que ela provocou, conhecido como a querelle des femmes, tornou-se o veículo através do qual o pensamento feminista mais antigo evoluiu. (KELLY, 1984).

Contudo, as primeiras feministas não cunharam o termo, é claro. Se tivessem buscado utilizar um nome alto referente a si mesmas, teria sido algo como "defensoras" ou "advogadas" das mulheres, mas nos é justo chamar essa longa linhagem de escritoras pró-

[6] Ibdem, p.41)

[7] KELLY, J. Women, History and Theory. The Essays of Joan Kelly. University of Chicago Press. 1984.

mulheres que segue de Christine de Pisan para Mary Wollstonecraft pelo nome que usamos para atualmente nos séculos XIX e XX definir o movimento. "*Feministas dos dias atuais ainda incorporam as posições básicas que as feministas do querelle foram as primeiras a tomar*."[8] O posicionamento dessas pensadoras ajudou a formulação das ideias que vieram no conjunto geral do movimento. Pisan ou Wollstonecraft não definiram um corpus conceitual ou regra geral dentro de seus textos, mas sua postura, tanto política como literária deu a chave necessária para que as herdeiras ideológicas do feminismo agissem. A postura em relação à cultura dominante em seus contextos pode ser entendida de três maneiras específicas:

1. A *querelle* é um circuito de enfrentamento social. De Pisan adiante, as defesas das mulheres era empreendia por mulheres, geralmente em resposta a ataques publicados contra elas. Mesmo seus escritos de caráter educacional foram igualmente, mesmo que indiretamente, polêmicos, pois tiveram que argumentar contra restrições culturais e sociais impostas as mulheres, frente aos que publicaram ataques. Em seus escritos, as mulheres assumiram dialeticamente, e de modo consciente uma posição civil em oposição à difamação masculina e sujeição de mulheres.

2. A postura das primeiras feministas (identificadas aqui na figura de Pizan e Wollstonecraft) se focaram no que que agora chamamos de gênero. Ou seja, eles tinham a certeza de que os sexos são formados também pela cultura, e não somente biologicamente. Mulheres são um grupo social. Elas direcionaram suas ideias contra as noções de um sexo inerentemente defeituoso/falho, que fluía do discurso misógino e contra uma concepção da formação social das mulheres para se encaixar nessas noções.

3. O propósito imediato dessas feministas era se opor aos maus tratos às mulheres. A preocupação delas era para que as mulheres pudessem ter o conhecimento e a confiança para rejeitar posições misóginas e suas reivindicações. Contudo, sua compreensão de misoginia e gênero levou muitas feministas a uma perspectiva mais universalista do que a aceita pelos sistemas de valor de seu tempo. Ao demarcar sua ideologia, e opondo-se ao preconceito de seu contexto, elas representavam uma concepção geral da humanidade como equivocada[9].

[8] Ibdem, p. 66 (tradução minha).

[9] Para maiores referências sobre o posicionamento dos representants intelectuais e literários do contexto de Pisan e Wollstonecraft, sugere-se o artigo "Early Feminist Theory and the "Querelle des Femmes, 1400-1789", Joan Kelly, University of Chicago, 1982.

Para compreendermos como a posição de Pisan firma um espaço de ruptura com seu tempo de forma tão pungente, devemos identificar sua mais conhecida obra "A cidade das damas", obra na qual tece críticas pungentes aos poetas e escritores de seu tempo, questionando suas posições de privilegio e propondo um espaço utópico para as mulheres, aonde poderiam exercer sua liberdade e suas capacidades plenamente[10].

Conforme salienta Garcia, Pizan escreve em nome de três "*damas*" importantes: Razão, Retidão e Justiça. *"*... que sugeriram a construção de uma cidade que possa acolher todas as mulheres" (GARCIA, 2011, p.28).

> As mulheres que a história, a mitologia e as lendas consagraram depois de demonstrar seu gênio, sua constância, sua arte, suas virtudes, seu valor na guerra igualando-as por seus méritos e não por sua condição de nascimento ou posição social. A cidade que fundarás com nossa ajuda nunca desaparecerá, mas sempre florescerá; pese a inveja de seus inimigos, resistirá a muitos assaltos sem ser jamais tomada ou vencida. (PIZAN, 2012, p.74)

A obra de Pizan aponta muitos sentidos políticos buscados pelo feminismo teórico, como reconhecimento da condição de sujeito político, valorização dos aspectos humanos mais identificados no feminino (ternura, carinho, sensibilidade, afetuosidade etc.), direito de se expressar em condições de igualdade para com o outro, para citar alguns. Estas são dimensões apontadas como parte do horizonte no qual uma atitude feminista começa a ganhar corpo e tônus. Algumas autoras e pesquisadoras do feminismo buscam direcionar a gênese do ato de instauração do feminismo a partir do século XIX, conforme já exposto, porém no presente texto não buscamos empreender uma exegese extensa e profunda desta ontologia. Contudo, é imprescindível articular alguns nomes essenciais para toda a formulação epistemológica feminista do período, e Pizan destaca-se pelo pioneirismo de seu tempo.

Por meio de uma narrativa literária e alegórica, mas com profundo teor filosófico, Pizan refuta as informações disseminadas de maneira sistemática, hermenêutica e dialética a partir do mesmo percurso e objeto utilizado pelos homens concebidos como autoridades da época para construir noções negativas em torno da mulher. Sua questão norteadora era a seguinte: por que homens, em diferentes épocas, maldiziam as mulheres? Teriam os filósofos, poetas, clérigos e tantos outros homens de autoridade reconhecida se enganado? Em suas palavras:

> Era quase impossível encontrar um texto moral, qualquer que fosse o autor, sem que, antes de terminar a leitura, não me deparasse com algum capítulo ou cláusula repreendendo as mulheres. Apenas essa razão, breve e simples, fazia-me concluir que tudo isso havia de ser verdade (PIZAN, 2012, p.59).

[10] PIZAN, C. A Cidade das Damas, Editora Mulheres, Florianópolis, 2012. Não citar na nota de rodapé se a citação já está no texto!

Sendo assim, para contrapor a bibliografia patriarcal amplamente reverenciada e referenciada, a autora seleciona 150 personalidades femininas, abrangendo inclusive mulheres de seu tempo, que se destacaram em diversos campos do conhecimento, desde as artes e ciências, como também em governos e batalhas, para construir simbolicamente sua cidade-fortaleza, que serve tanto de argumento lógico como memorial à reconstrução da reputação do sexo feminino.

Os questionamentos iniciais de Pizan partem da leitura de textos de escritores considerados autoridades da época, advindos das mais distintas áreas do conhecimento, como Boccaccio, Ovídio, Aristóteles, entre outros, cujas fontes evocam discursos no qual era destacada a conduta das mulheres como negativas, sendo então representadas como essencialmente más e inclinadas ao vício (Brown-Grant 1999)[11]. Ainda segundo Brown-Grant (1999), os comentadores, poetas e exegetas extraíam deliberadamente trechos específicos de obras que possuíssem dentro de seus discursos tons misóginos transmitindo a ideia de que tal ou qual autor entendia inteiramente o sexo feminino como moral, intelectual e fisicamente inferior aos homens, ocultando suas virtudes e os feitos que exaltariam sua contribuição para a civilização humana. O que Christine faz, em contrapartida, é extrair das mesmas fontes os trechos que exaltam a mulher, ou seja, ela rebate os mesmos autores misóginos com as autoridades que eles autoproclamam, reunindo exemplos de mulheres ilustres que pudessem contribuir não somente para a construção de uma autoridade ressignificada em torno das noções sobre o sexo feminino, mas também e, principalmente, para inspirar outras mulheres a buscarem sempre a virtude em seu cotidiano.

Como referência, da perspectiva analítica científica, Pizan antecipa uma das regras do método cartesiano: a dúvida. Como as autoridades epistêmicas e intelectuais são construídas? René Descartes (1596 - 1650 d.C.), quatrocentos anos depois, ressaltará que para alcançar o conhecimento verdadeiro é preciso colocar em suspeição crítica as autoridades, e avaliar suas afirmações, racionalmente (DESCARTES 2015). Com uma linguagem simples, Pizan esclarece:

> Não sabes que são as melhores coisas que são discutidas e debatidas? Se considerares a questão suprema, que são as ideias, quer dizer, as coisas celestiais, percebes que mesmo os maiores filósofos, aqueles que tu invocas contra teu próprio sexo, não conseguiram distinguir o certo do errado, e se contradizem e se criticam uns aos outros sem cessar, como tu mesma viste em Metafísica de Aristóteles, no qual ele critica e refuta, igualmente, as opiniões de Platão e de outros filósofos citando-os. E presta atenção ainda que Santo Agostinho e outros doutores da Igreja fizeram o mesmo em

[11] BROWN-GRANT,R *Introduction*, in *The book of the city of ladies*, Christine de Pizan, London, Penguin Books, 1999, p.21-48.

> certas passagens de Aristóteles, considerado o Príncipe dos filósofos [...] Ora, pareces acreditar que tudo o que dizem os filósofos é digno de fé e que eles não podem se enganar. Quanto aos poetas aos quais te referes, não sabes que utilizam frequentemente a linguagem figurada, e que, muitas vezes, deve-se compreender justamente o contrário do sentido literal? (Pizan 2012, p. 62).

Assim temos uma autora que buscou reivindicar para a mulher o espaço publico de modo a operar uma reformulação no status quo vigente, e mesmo que seus efeitos só tenham possuído eco três séculos depois, na figura de Mary Wollstonecraft.

Nascida em 1759, Londres, Wollstonecraft foi criada numa família pobre, com poucos recursos para subsistência. O pai, fabricante de lenços e um homem sem instrução formal, agredia a esposa e filhas com frequência. Sua mãe buscou legar as filhas o máximo de educação possível, ainda que não em uma dimensão de formalidade, mas capaz de permitir as filhas se desenvolverem para o mundo. Foi neste ambiente turbulento que Wollstonecraft empreendeu um caminho de auto superação na busca por qualidade de vida. Casou-se cedo com um viúvo detentor de um pequeno patrimônio, mas logo retornou ao lar para assistir a mãe enferma. Após esse período conheceu um editor londrino que, interessado nas ideias debatidas com Wollstonecraft, solicitou que escrevesse um livro sobre educação, obra essa que veio a público com o nome "*Reflexões sobre a educação das filhas* (1786)", em que Wollstonecraft criticava os modelos de educação aplicados sobre as jovens, que lhes encorajava a serem "*dóceis e atentas à aparência*" (apud. GARCIA, 2011, p.46). Porém, foi com sua segunda obra "*A reivindicação dos direitos da mulher*" (1790), que o alicerce do feminismo foi lançado. Nele, Wollstonecraft discute questões como a degradação social da mulher pelo homem, os efeitos perniciosos das distinções "*naturais*" subsumidas pela sociedade, como os escritores de seu tempo descrevem a mulher como objeto de piedade e desprezo etc. Defendia o acesso igualitário à educação para as mulheres, como modo de promover uma melhora na base da sociedade como um todo.

> Para fazer realmente justo o pacto social, e para estender os princípios ilustrados que só podem melhorar o destino do homem, deve se permitir que as mulheres fundamentem sua virtude no conhecimento, o que apenas é possível se a educamos mediante as mesmas atividades que os homens (WOLLSTONECRAFT,1790, p.219)

Para muitos pesquisadores do tema, Wollstonecraft apresentou de forma completamente inédita uma crítica à concepção de privilégio masculino de matriz natural, a saber, a ideia de que o homem possuiria o direito a se impor sobre a mulher como uma dimensão natural de hierarquia entre os sexos. Tem-se aqui o primeiro esboço para discussão do conceito de identidade, tal qual ainda discutido no século XXI.

> E se se decide que naturalmente as mulheres são mais fracas e inferiores que os homens, porque não estabelece mecanismos de caráter social ou político para compensar sua suposta inferioridade natural? (WOLLSTONECRAFT,1790, p.33)

Dando seguimento aos personagens que nos ajudam a esclarecer a gênese do movimento feminista[12] , não podemos nos furtar de trazer aquela que se tornou o símbolo do movimento feminista negro, e exemplo de resistência, Sojourner Truth[13]. Ex-escravizada, analfabeta e abolicionista, Soujouner foi a primeira mulher negra a participar da Primeira Convenção Nacional dos Direitos das Mulheres, no ano de 1850, num ambiente completamente formado por mulheres e homens brancos. Neste episódio ficou conhecida por declamar seu conhecido discurso "E eu não sou uma mulher[14]", no qual expôs os absurdos aos quais as mulheres eram sujeitas, em especial as mulheres negras, pois em seu contexto histórico, as mulheres brancas sofriam as repreensões e limitações impostas pelo patriarcado, como não poderem exercer atividades em função de uma fragilidade que lhe era atribuída; contudo, Soujourner apontou que tal limitação não era atribuída às mulheres negras, que exerciam todo tipo de atividade braçal que se lhes impunha. Por meio de seu discurso, o movimento feminista negro ganhou força, deixando em evidência que um sistema de exclusão pautado na diferença física era tão somente uma conveniência para o sistema de classe social vigente.

Soujourner, por meio de seus discursos ao longo de sua vida, expunha não somente uma crítica ao modelo de representação feminino de seu período, como também uma crítica às diferenças sociais vividas entre mulheres brancas e mulheres negras, divisão essa que depunha contra o movimento feminista como um todo: o que se buscava nas convenções e encontros neste contexto atendia apenas a um grupo especifico de mulheres, mas não a todas de modo universal. A questão a partir de Soujourner torna-se não somente um embate entre gêneros, mas também um embate entre raça e classe. O debate desde Soujourner começa a apontar uma disfonia de discursos – a mulher reivindica seu lugar no mundo patriarcal, porém, uma mulher não escrava, não negra e não miserável.

---

[12] Conforme seguirá nossa exposição, o feminismo possui múltiplas frentes de ação, que são esquadrinhadas de modo esquemático sobre os já designados movimentos de onda.

[13] Cujo nome de batismo foi Isabell hooksa Baumfree

[14] É atribuído a Frances Gages, feminista e autora do compendio The History of Woman Suffrage, a transcrição deste discurso, visto estar presente a ocasião. Pesquisadores apontam que Cage teria modificado sensivelmente a fala de Soujourner, atribuindo forma estereotipada sua fala como "sotaque de escrava negra sulista". Contudo, uma primeira versão do mesmo foi registrada pelo Reverendo Marius Robinson, amigo de Soujourner, em 21 de junho de 1851, no Anti-Slavery Bugle. Disponível em *https://www.thesojournertruthproject.com/* . Consultado em ??? .

> Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregar elas quando atravessam um lamaçal e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! e não sou uma mulher? olhem para mim! olhem para meu braço! eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! e não sou uma mulher? eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também aguentei as chicotadas! e não sou uma mulher? pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser jesus, me ouviu! e não sou uma mulher?"(SOUJOURNER, 1850,p. ???)

Não obstante vemos no contexto histórico que mesmo dentro do universo masculino se empreendeu um movimento de afirmação para a mulher. É o caso de John Stuart Mill no século XIX. Mill foi um vigoroso defensor dos direitos liberais e do bem estar coletivo do homem. Discípulo de Jeremy Bentham, promoveu uma valorização e renovação das concepções utilitaristas, visando maximizar a qualidade de vida da coletividade, não deixando de pensar em como as ações individuais poderiam beneficiar o homem enquanto espécie. Partindo de tal preceito, se negava a aceitar que uma diferenciação entre os sexos pudesse de algum modo representar o ideal de boa vida para sociedade. Para Mill, a mulher era subjugada em uma posição de subordinação legitimada por critérios naturalistas irracionais, que apenas buscavam certificar o status quo do poder do homem sobre a mulher. Para tal, escreve um texto considerado hoje um dos primeiros manifestos feministas criados por um homem, "A sujeição das mulheres"15, texto que expõe de forma clara e crítica como a diferenciação por gênero era não só absurda do ponto de vista racional, como uma postura que não propiciava nenhuma vantagem à sociedade civil como um todo. Por que vc está aprofundando tanto no Mil?

Mill começa expondo que desde o princípio a sujeição da mulher ao homem foi um gesto arbitrário; não foi levada em conta a participação da mulher para debater os pressupostos que tornaram este comportamento o modelo ético e o critério social de todo comportamento. Assim, não foi facultada à mulher nenhum tipo de atividade que fosse exercida pelo homem, que pudesse por fim ser julgada como exclusivamente masculina, ou ao contrário, comum à ambos.

Conforme nos explicita, Mill aponta que não foi permitido à mulher o mesmo tipo de julgamento empreendido por qualquer outro tipo de arbitrariedade que tenha sido resolvida por intermédio da lei, como estabelecer que o ônus da culpa deve ser provado pelo acusador e não pelo acusado.

> "É inútil dizer que aqueles que sustentam a doutrina de que os homens têm o direito de comandar e as mulheres têm a obrigação de obedecer — ou que os homens são aptos e as mulheres inaptas para governar — estão no lado afirmativo da questão, e

[15] MILL, J. S. A sujeição das mulheres. Companhia das Letras & Penguim. São Paulo. 2017.

> que são obrigados a apresentar a positiva evidência de suas asserções ou se submeter a sua rejeição. Da mesma forma, de nada me adianta dizer que aqueles que negam às mulheres toda liberdade e todo privilégio que são corretamente concedidos aos homens, e que têm contra eles a dupla pressuposição de que são contrários à liberdade e de que recomendam a parcialidade, devem apresentar a prova estrita daquilo que afirmam e, a menos que tenham êxito a ponto de desfazer qualquer dúvida, a conclusão do julgamento deveria ser contra eles." (MILL, 1869, p.193)

Mill alude ainda às dificuldades de tal procedimento – expor suas críticas aos detratores das mulheres e apresentar argumentos positivos para sua liberação. Admite que enfrenta não formulações racionais, mas sim os costumes e tradições pelo quais todos foram e são formados.

Portanto, Mill argumenta que não tendo sido permitida à mulher um exame direto de suas capacidades em relação ao homem, não há como estabelecer que a sujeição da mesma traga algum tipo de benefício para a sociedade. O que decorre na sociedade inglesa é algo identificado por Mill como uma legitimidade por meio da força – fato comum num sistema escravagista, seja inglês ou em outra soberania em que tal imperativo fosse aplicado. Contudo os costumes e tradições introjetam nas mentalidades tal simbologia que mesmo após superado qualquer regime validado pela força (como a escravidão, por exemplo), a mulher é mantida como inferior e assistida pelo homem como compensação por sua fraqueza física e cognitiva. Segundo Mill, a sujeição das mulheres aos homens fundada no caráter natural é completamente falaciosa.

Com este tipo de modelo ético, a mulher é obrigada a ocupar funções específicas, como serem esposas ou mães a maior parte de suas vidas. Nenhum tipo de liberdade ou autonomia prevalece neste tipo de cenário social, legando a mulher viver como uma espécie de empregado ou subalterno, sem a explicitação destes papéis.

> É um dos preconceitos característicos na reação do século XIX contra o século XVIII atribuir aos elementos irracionais da natureza humana a infalibilidade que se supõe ter o século XVIII imputado aos elementos racionais. Substituímos a apoteose da razão pela do instinto; e chamamos de instinto tudo que encontramos em nós mesmos em cujas origens não localizamos algum fundamento racional (MILL, 1869, p.. 194).

No decorrer de seu texto, Mill fará críticas ao modelo matrimonial; segundo ele, o casamento enquanto aparato institucional é tão violento e repressor quanto a sujeição de um escravo por meio da lei. A mulher nesta função social é considerada objeto e propriedade privada do marido, ao qual está garantido na forma da lei a tomar qualquer tipo de atitude que considere conveniente no tratamento para com sua "*esposa*". Neste arranjo a mulher não possuía o direito a bens pessoais: por exemplo, tudo aquilo que possuísse, mesmo advindo de uma herança, se tornava parte do espólio de seu casamento, assim sendo, passaria automaticamente a ser propriedade de seu marido. "Não pode adquirir propriedade a não ser

para ele; no momento em que algo se torna dela, mesmo se for uma herança, torna-se ipso facto dele" (MILL, 1869, p.225).

Defende também que a mulher deveria possuir o direito legal ao divórcio: considerado seu contexto, os casamentos quase sempre eram definidos pelos pais dos pretendentes ou mesmo pelo futuro marido; a mulher não possuía nenhum tipo de poder na deliberação ou escolha de seu parceiro; mesmo assim, ressalta que a mulher em alguns casos também pode agir de forma injusta, ficando assim apenas o aparato da lei a controlar os abusos de ambas as partes.

No último capítulo de sua obra, se dedica a demonstrar os benefícios de uma vida mais igualitária aos gêneros, destacando três aspectos, principalmente: primeiro viver em uma vida plena de justiça; segundo, permitindo à mulher participar indiscriminadamente das atividades disponíveis, a humanidade receberia como sua resultante uma melhora significativa no bem coletivo, visto que uma outra parcela da humanidade não estava somando forças em direção ao progresso em função da arbitrariedade e impedimento legais da tradição vigente; e, por fim, em terceiro, um melhor aproveitamento nas relações entre os sexos, visto que, segundo Mill, na maior parte dos casos o homem já vivia recebendo orientações no seu convívio com a mulher, seja no papel de mãe ou esposa: a mulher dando conselhos aos filhos na sua formação, ajudando o marido em momentos tempestuosos nos quais o homem sem seu apoio indireto poderia por acabar deliberando de forma passiva e irracional. Em ambos os casos, se a posição social da mulher fosse plena e livre nos mesmos termos da vida do homem, Mill argumenta que os benefícios seriam imediatos e sensíveis a todos.

> No que tange, no entanto, à questão maior, a remoção das restrições às mulheres — seu reconhecimento como iguais aos homens em tudo que diz respeito à cidadania, a abertura para elas de todos os empregos dignos, e do treinamento e da educação que as qualifique para esses empregos —, há muitas pessoas para as quais não é suficiente que não exista uma defesa justa ou legítima da desigualdade; elas exigem que se lhes diga qual a vantagem expressa que se obteria ao se abolir isso. A isso permitam-me responder em primeiro lugar: a vantagem de ter a mais universal e difundida de todas as formas de relações humanas reguladas pela justiça e não pela injustiça. (MILL, 1869, p.284)

Buscamos ao longo destes tópicos apresentar alguns personagens que contribuíram de forma significativa para a mudança do paradigma social da mulher ao longo da história. De fato, o escopo deste horizonte inclui ainda diversos personagens; contudo, o intento neste momento é apresentar a porta de entrada para os movimentos mais contemporâneos do feminismo, que são mapeados por volta da década de 60 nos Estados Unidos e seguem até nossos dias, agora num contexto globalizado.

1.2. Feminismo de Segunda Onda

Entre o período de duas Guerras Mundiais, uma imagem entrou em cena nunca antes vista, mulheres, milhares delas, foram para o campo de trabalho até então considerados masculinos, tanto na Europa quanto nos EUA. Bombeiras, mineiras, condutoras de transporte público, mecânicas, metalúrgicas, além de atuarem na indústria têxtil e no campo da saúde. Durante esse intervalo entre guerras, políticas de natalidade ganharam espaço, e o tema da maternidade ocupou um lugar central nas discussões públicas e feministas de muitos países, dividindo opiniões. As lutas feministas caminhavam a lentos passos. (ZIRBEL, 2023)[16]

É dentro desse contexto que surge um dos nomes que instauram a retomada do paradigma do feminino como debate social e politico relevante, iremos dispor da figura da filósofa Simone de Beuavoir para continuarmos nosso percurso ao longo dos atores envolvidos no extenso caminho do(s) feminismo(s).

Simone de Beauvoir (Simone Lucie Ernestine Marie Bertrand de Beauvoir) nasceu em Paris, França, em 9 de janeiro de 1908 e faleceu na mesma cidade em 14 de abril de 1986, aos 78 anos. No ano de 1949, Beauvoir publica seu aquele que seria sua obra de maior profusão, o famoso livro O segundo sexo, no qual aborda as questões de gênero e de subordinação. Beauvoir viveu – como ainda vivemos, de formas mais veladas ou não - uma época marcada pelo sistema patriarcal, a mulher é tratada como inferior ao homem, que ocupa uma posição de poder nas mais diversas relações sociais. Devido a isso, quando Beauvoir publica sua obra, muitos consideraram uma afronta inadmissível, pois a filósofa aborda questões das quais não era comum que alguém questionasse e principalmente pela condição de ser uma mulher que estava expressando suas ideias e por querer escrever sobre mulheres.

O Segundo Sexo se constitui em uma forte defesa de um ponto de vista, que mesmo ainda hoje encontra grandes dificuldades em se fazer ouvir. Na época de sua publicação, gerou muitas polêmicas, pois levantou questões históricas, psíquicas, políticas e sociais que enfatizaram a forma com que os homens tratavam as mulheres e como as próprias mulheres se enxergavam, o que perdura até hoje, praticamente 70 anos depois de sua publicação. (TONDOLO, 2017)[17]

Hoje considerado um texto canônico da filosofia feminista, O segundo sexo foi escrito a partir de uma extensa pesquisa iniciada em 1946 e concluído em 1949. A tese de

[16] https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/ondas-do-feminismo/

[17] http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/4610.

Beauvoir incidia em apresentar uma discussão, de matriz existencialista, fenomenológica e marxista, sobre a condição das mulheres nas sociedades ocidentais em meados do século XX.

Beauvoir dá início a seu texto identificando a situação na qual as mulheres se encontram, um estado de aprisionamento numa condição de inferiorização: o campo de ação e realização das mulheres são limitados, são relegadas à alteridade absoluta, a condição de outro, e essa condição é produzida e sustentada, nas sociedades ocidentais patriarcais, pelo modo como as mulheres são retratadas pela ciência, a história e a psicanálise. Todo tipo de conhecimento produzido historicamente referente as mulheres convergiram para um ponto que consistiu em justificar, a partir das diferenças biológicas, um lugar secundário para as mulheres na vida social.

Da perspectiva de Beauvoir, as mulheres encontram-se numa posição secundária em relação aos homes, não porque elas sejam efetivamente inferiores aos homens, mas porque o poder de determinar o que significa ser mulher e o que significa ser homem está nas mãos dos homens.

> "Por que as mulheres não contestam a soberania do macho? Nenhum sujeito se define imediata e espontaneamente como o inessencial; não é o Outro que se definindo como Outro define o Um; ele é posto como Outro pelo Um definindo-se como Um. Mas para que o Outro não se transforme no Um é preciso que se sujeite a esse ponto de vista alheio" (BEAUVOIR, 2009a, p. 18).

> Comecei a olhar as mulheres com um olhar novo e fui indo de surpresa em surpresa. É estranho e estimulante descobrir de repente, aos quarenta anos, um aspecto do mundo que salta aos olhos e que não era percebido. Um dos mal-entendidos que meu livro suscitou foi que se pensou que nele eu negava qualquer diferença entre homens e mulheres: ao contrário, ao escrevê-lo, medi o que os separa; o que sustentei foi que essas dessemelhanças são de ordem cultural, e não natural. Contei sistematicamente como elas se criam, da infância à velhice; examinei as possibilidades que este mundo oferece às mulheres, as que lhes são recusadas, seus limites, suas oportunidades e faltas de oportunidades, suas evasões, suas realizações. Compus assim o segundo volume: "A experiência vivida" (BEAUVOIR, 2009, p. 146).

É com a posição fenomenológica de Beauvoir que o movimento feminista da década de 60, sobretudo nos EUA, começa a articular uma posição que passa a promover a discussão do modo como a mulher é identificada na sociedade. A mulher carrega em si um fardo – considerando a aposta Beauvoriana – de ter seu signo identitário definido não por si, em si, mas pelo outro, como o negativo desse signo visível e forte, o masculino (TONDOLO, 2017).

Na esteira dessa questão, historicamente vemos que nos EUA de 60, vai se ampliando uma posição da mulher em relação a seu status quo na sociedade. O modo pelo qual a mulher é destinada socialmente não é mais aceita, começamos a ver a chamada Segunda Onda ganhar expressão.

As décadas de sessenta e setenta foram períodos de uma certa euforia simbólica, nem sempre acompanhada de subsídios econômicos e sociais, em função dos pós guerra. Movimentos libertários começam a ganhar espaço – beatnik, hippie; passeatas contra a Guerra do Vietnã proliferam no debate político; o rock inglês do Beatles movimenta a juventude a verdadeiros estados de absoluta catarse. A efervescência cultural acalma um ocidente liberal que ainda escuta os ecos de uma grande guerra, e aponta como saída um consumismo desenfreado e um projeto de ideal americano que prometia uma vida de bonança e paz. O grande sonho americano se traduzia em possuir bens, gerir uma família suburbana devota ao cristianismo e identificar-se como o modelo de nação a ser seguido em todo o globo.

> A dona de casa suburbana era o sonho de toda jovem estadunidense e causava inveja, diziam, em mulheres ao redor do mundo. A dona de casa estadunidense, libertada, pela ciência e pelos eletrodomésticos modernos, do trabalho duro, dos riscos do parto e das doenças de suas avós, era saudável, bonita, educada, preocupada apenas com o marido, os filhos e o lar. Havia encontrado a verdadeira realização feminina. Dona de casa e mãe, era respeitada como parceira completa e em pé de igualdade com o marido no mundo dele. Era livre para escolher automóveis, roupas, eletrodomésticos, supermercados e tinha tudo o que as mulheres sempre sonharam (FRIEDAN, 2020, p.16).

Betty Friedan foi uma escritora importante na tradição feminista, não somente em função de seu papel crucial na formação do NOW[18], mas pela obra A Mística Femina, em que questiona e problematiza uma justificação de natureza sobre as mulheres como "condicionadas a um papel sexual". A análise de Friedan daquilo que ilustrou como "O problema sem nome" que se incide sobre inúmeras donas de casa americanas de classe média, ilustra que, apesar aumento das oportunidades de ensino superior e a entrada em carreiras recompensadoras, as mulheres estavam voltando em massa para o lar. Além disso, esse desejo de retornar ao lar pode ter efeitos mais profundos do que as "respostas" superficiais que foram dadas pelos meios de comunicação de massa populares americanos – sobe o argumento de que as mulheres foram encorajadas a transcender suas aspirações "naturais" através da educação, e outras objetivos "masculinos", teriam se afastado do papel determinado pela tradição de ser a esposa, do lar e mantenedora da família (WHELEHAN, 1995)[19].

O livro de Friedan, é em certo sentido, uma parte da conscientização de uma tradição, na medida em que mapeia as razões por trás desse "*problema sem nome*" e propõe soluções

[18] NOW, o acrônimo de National Organization of Women (em português, 'Organização Nacional de Mulheres'), é uma entidade feminista estadunidense fundada em 1966, por Pauli Murray e Betty Friedan, com o objetivo lutar pelos direitos femininos e promover a igualdade de gênero.

[19] WHELEHAN, I. Modern Feminist Thought, - From the Second Wave to "Post-feminst", Edinburgh University Press, 1995)

que estão em grande parte relacionadas com os esforços das mulheres para reconstituir suas próprias identidades.

> Mas ao contrário do radical esforços feministas que se concentram na identidade feminina individual e experiência como o primeiro passo para a revolução coletiva, a revolução de Friedan permanece em grande parte individual; se não for alcançado, ela sugere, as mulheres só têm a si mesmas para culpar (WHELEHAN, 1995. p.36, tradução minha).

Mesmo que orientasse outras mulheres a encontrar algum tipo de trabalho fora de casa, Friedan assumiu que eles conseguiriam encontrar métodos para continuar suas responsabilidades domésticas. Rosemarie Tong oferece uma crítica convincente do argumento de Friedan,

> A Mística Feminina falhou em considerar o quão difícil é seria até mesmo para mulheres privilegiadas combinar casamento e maternidade com uma carreira, a menos que grandes mudanças estruturais fossem feitas dentro e fora da família. Como Wollstonecraft, [Harriet] Taylor e [John Stuart] Mill antes dela, Friedan enviou mulheres para a esfera pública sem convocar homens no domínio privado (TONG *apud*. WHELEHAN, 1995, p. 37)

É neste cenário que a mulher se encontra plena, em conformidade com as tradições e as promessas da vida feliz. Ao menos grande parte delas pensava assim.

A obra de Betty Friedan[20] incide de forma clara e direta sobre uma dimensão não apenas política, mas também simbólica e psicológica da mulher. O modo pelo qual a mulher produzia sua auto identidade, seus desejos e seu olhar para o mundo haviam sido escrutinados pelas palavras de Friedan, revelando uma mulher encarcerada dentro de si mesma, incapaz de se sublevar ou mesmo se perceber.

O que se pretendia em seu contexto, a década de sessenta estadunidense, era produzir nas consciências femininas um modo de vida que direcionava seus destinos – do corpo, do espírito- numa incessante sujeição diária, condicionando a mulher a exercer papéis dados a ela pela tradição. Autonomia, esclarecimento e igualdade são palavras não só desconhecidas como proibidas – de forma incipiente e nunca explicitamente. É neste quadro que subscreve Friedan e sua obra.

Conforme nos relata, a mulher da metade do século XX é educada para se preocupar com todo tipo de tarefa exclusivamente do lar. Dispõe de literatura especializada em ensinar como uma mulher deve agir para obter um homem para si, como amamentar ou desfraldar os filhos – quase sempre no plural – administrar os conflitos domésticos das crianças, cozinhar, o modo correto de passar roupa etc. Este conjunto de atividades são alguns exemplos do modo

[20] FRIEDAN, B. A mística feminina. Rosa dos Tempos. Rio de Janeiro. 2020.

de vida que uma mulher americana vivendo na década de sessenta deveria não só almejar como buscar com todas as suas forças (Cf. FRIEDAN, ANO, p.17).

Para a mulher identificada por Friedan, não seria importante seguir estudos em uma faculdade, uma vez que ela deveria apoiar seu parceiro para que esse obtivesse a formação e a especialização necessárias para que pudesse exercer seu papel exclusivo de provedor da família. Neste mesmo período, é registrada uma queda crescente no número de mulheres que apenas concluíam seu ensino secundário e partiam para o tão almejado empreendimento do casamento. A faixa etária das mulheres que ficavam noivas ou se casavam caiu em média para os dezessete anos. As revistas e periódicos direcionados ao público feminino apresentaram toda sorte de conteúdo voltado ao treinamento da mulher para ter sucesso em adquirir um casamento.

Outro fator analisado por Friedan foi o aumento na taxa de natalidade a partir do fim da década de cinquenta. Mulheres em média possuíam até dois filhos; agora, compunham uma família com até três ou quatro. É a apoteose da maternidade, e as mulheres buscavam por isso.

Na dimensão privada, a mulher cada vez mais tenta métodos e soluções que criassem o modelo estético ideal. Conforme aponta Friedan, mulheres em condições crônicas de saúde – como câncer – se recusavam receber qualquer tipo de tratamento designado, pois o mesmo possuía efeitos colaterais que afetariam sua aparência (perda de cabelos). (FRIEDAN, 2020, p.15). De um modo frenético e voraz, as mulheres buscavam construir uma silhueta que instigasse os homens a desejá-las.

A vivência e manutenção do lar é outro aspecto muito perseguido pelas mulheres, aponta Friedan. Decorar a casa, renovar o vestuário, fazer obras na casa, todo tipo de modificação era desejado naquele contexto.

Argumenta Friedan que um fenômeno curioso se instaura neste final desta década: um terço das estadunidenses trabalhavam, em sua maioria mulheres maduras e sem interesse em seguir carreira, apenas para obter alguma renda extra para ajudar seus maridos a pagarem seus estudos ou o de seus filhos, ou ajudar com a hipoteca do lar (FRIEDAN, 2020, p.16).

> Palavras como “emancipação” ou “carreira” soavam estranhas e constrangedoras; fazia anos que ninguém as usava. Quando uma francesa chamada Simone de Beauvoir escreveu um livro intitulado O segundo sexo, um crítico estadunidense comentou que ela obviamente “não entendia nada da vida” e, além disso, estava falando sobre as mulheres francesas. O “problema da mulher” não existia nos Estados Unidos (FRIEDAN. 2020, p. 17).

Friedan captou, por meio de entrevistas e conversas informais, que um problema se formava no inconsciente da mulher americana, dona de casa, esposa devota, mãe presente

e entregue à família – o "Problema sem nome". A percepção compartilhada, e que não encontrava termos definidos para ser expressada, era de que a mulher gradualmente percebia que seu papel existencial era ser para o outro. Mas afinal, quem era ela?

A mídia americana na década de sessenta contribuiu de modo significativo na manutenção deste padrão de comportamento ao qual a mulher estava condicionada, não deixando-a perceber aquilo que Friedan denominou como "problema sem nome"(Cf. FRIEDAN, 2020) Ao invés disso, ajuda a tornar a noção de problema algo simplório, que estaria ligado diretamente às questões do lar e do cotidiano, em geral criando no imaginário popular a imagem de que os problemas vividos pela dona de casa estariam ligados aos detalhes de seus afazeres, como a distância que precisava percorrer para levar os filhos à escola, o eletrodoméstico que parava de funcionar, tornando mais pesada suas tarefas etc.

> Conforme nos demonstra Friedan, em editorial da revista Newsweek de março de 1960, a mulher americana se encontrava em posição de privilégio em relação as mulheres de outros países; ali ela podia viver o tipo de vida para o qual sua "natureza" lhes determinou. Segundo aponta Friedan, a psicanalise já havia delimitado a mulher como o tipo de sujeito condicionado pela sua natureza (FRIEDAN, 2020).
>
> "Ela está insatisfeita com uma sorte a qual mulheres de outros países podem apenas sonhar. Sua insatisfação é profunda, difusa e insensível aos remédios superficiais disponíveis [...] um exército de exploradores profissionais já mapeou as maiores fontes de inquietação [...] desde o começo dos tempos, o ciclo feminino definiu e confinou o papel da mulher. Conforme se credita a Freud: "Anatomia é destino". Embora nenhum grupo de mulheres tenha ampliado tanto esses limites naturais quanto a esposa estadunidense, ela ainda parece não conseguir aceitá-los de bom grado [...] uma jovem mãe com uma bela família, charme, talento e inteligência é capaz de desprezar seu papel, contrita. "o que eu faço?", ela diz. "Ora, nada. Sou apenas uma dona de casa". Uma boa educação, ao que parece, modelo de perfeição entre as mulheres, uma compreensão sobre o valor de tudo menos delas mesmas" [...]. (FRIEDAN, 2020, p. 23)

O que está em jogo aqui é compreender que a mulher enquanto indivíduo não era capaz de fazer um reconhecimento de si, para além dos estereótipos que lhe foram designados historicamente. Ser esposa, mãe, doméstica eram condições de orgulho e bom status social. Toda uma sociedade foi sistematicamente moldada dentro destes parâmetros.

Contudo, a obra de Friedan carrega algumas questões que hoje são debatidas e apontadas como problemáticas. No artigo "*4 Big Problems with The Feminine Mystique*", da edição de 2013 do The Atlantic, algumas críticas são tecidas contra esse inegável sucesso de bilheteria. Ashley Fetters, autora do artigo, aponta que a obra de Friedan tem características racistas e classistas, pois o texto foca apenas nas mulheres brancas de classe média e alta da época. "Friedan não expandiu seu olhar sobre a discriminação sexista além desse grupo do que pode ser visto como mulheres brancas educadas e privilegiadas. Os leitores também vão se assustar com o que são declarações e sentimentos claramente homofóbicos no livro, pelos

quais Friedman se desculpou aberta e sinceramente anos depois" (DINTINO, 2018, tradução minha).[21]

1.3 Feminismo de Terceira Onda

O feminismo, conforme já apontado, constituiu-se como um movimento bastante autocrítico, e precisou tematizar frequentemente seus próprios impasses A denominada Segunda Onda, que se estabeleceu entre as décadas de sessenta e setenta nos Estados Unidos ajudou a recolocar a mulher no centro das lutas políticas. Agora sua voz podia – e devia – ser ouvida. Porém, o movimento deste período possuía um aspecto que inicialmente passou desapercebido por entre suas ativistas; a mulher que se elevava nos movimentos intencionalmente era considerada a "mulher" universal, e o que ficou evidente após os primeiros protestos e passeatas era que a mulher considerada não correspondia ao amplo universo feminino existente. O que ocorria de fato era que as mulheres expressas ali correspondiam na prática a um grupo muito restrito – mulheres, brancas, de classe média e escolarizadas.

bell hooks e o feminismo étnico

Com pensadoras como bell hooks, esse problema passa a ser tematizado e trabalhado de uma perspectiva renovada. Nascida Gloria Jean Watkins, bell hooks, como passou a se identificar, foi uma militante negra que desde jovem buscou enfrentar os sistemas opressivos por meio da pesquisa e debate. hooks possuiu formação superior, o que lhe permitia estabelecer uma relação com as militantes e feministas engajadas do ambiente universitário, ao mesmo tempo em que, por meio de seus textos, abria portas para grupos menos escolarizados, mas ainda assim, marginalizados. hooks investiga os diversos tipos de opressões sob as quais as mulheres de cor têm sofrido desde a escravidão. Para hooks, a dominação é o cerne do racismo, classismo e sexismo. Afirma, ainda, que o feminismo tradicional está interessado em levantar apenas as mulheres brancas até o nível dos homens brancos (HOOKS, 1984). Busca também entender o impacto das estruturas sociais sexistas e racistas sobre a própria história e sobre a história das mulheres negras e identifica uma rede de capitalismo, o patriarcado, e ideologias

[21] Colocar citação de modo correto!!https://www.nastywomenwriters.com/the-feminine-mystique-by-betty-friedan-first-published-in-1963/

de supremacia branca que se apoiam (HOOKS, 1981). Vale ressaltar que hooks combina sua experiência pessoal de uma mulher americana negra do Sul com as teorias feministas e que sua análise não descarta as perspectivas feministas, ao contrário, mostra como pode ser útil para avaliar a posição entre mulheres na sociedade americana. De acordo com hooks, a igualdade real só pode ser adquirida se o sistema hierárquico for derrubado.

O comprometimento de hooks com a teoria e a prática feministas levou seu nome para a constelação de autoras que por meio de seu ativismo político e teórico marcavam um posicionamento combativo e frequente no tecido da sociedade; Angela Davis, Patricia Hill Collins, Linda Alcoff – para citar algumas destas feministas que deram ao movimento feminista negro o caráter político e epistemológico que buscamos aqui hoje mapear.

> Fundamentalmente, a produção de hooks dialoga sobre as questões raciais e de classe, observando e expondo como esses problemas estão interligados e são responsáveis por agravar a situação de assimetria na nossa sociedade. No entanto, para hooks, essas questões precisam ser resolvidas e combatidas na base, sendo a Educação o espaço para que essas tensões sejam dissipadas "o educar era fundamentalmente político, pois tinha raízes na luta antirracista" (SIMÔES, A., VERBICARO, L. E SANTOS, R. *apud* hooks, 2017, p. 10).

hooks começa sua trajetória intelectual engajada com o lançamento do livro "e eu não sou uma mulher"[22], A obra debate temas como sexismo, a experiência da mulher negra escravizada, o imperialismo do patriarcado, racismo e feminismo e mulheres negras e o feminismo.

No primeiro capítulo a obra vai nos apresentar as experiencias e vivências da mulher negra que fora escravizada pelo sistema patriarcal. Nos expõe hooks que as mulheres negras se tornavam o objeto de exploração ideal na medida em que atendiam duas dimensões da exploração – eram controladas por seus senhores, mas também mantinham uma relação de obediência com o homem negro – esse controlado também pelo senhor. Destaca em especial que, para além dos castigos e tarefas atribuídos às mulheres no regime de escravidão, um outro tipo de agressão era exclusivo a mulher: o estupro. O regime de escravidão da mulher negra operava um profundo sexismo institucionalizado que legitimava sua exploração sexual – não apenas o suor de seus braços, mas o calor de seus corpos era explorado pelo patriarcado.

> Andando para trás para a escravatura, o povo branco estabeleceu uma hierarquia social baseada na raça e no sexo que classificava os homens brancos em primeiro, as mulheres brancas em segundo, algumas vezes iguais aos homens negros, que eram classificados em terceiro e as mulheres negras em último. O que isto significa em termos de política sexual de violação é que se uma mulher branca fosse violada por um homem negro, seria visto como mais importante, mais significativo do que milhares de mulheres negras violadas por um único homem branco. A maior parte dos americanos, incluindo

[22] Mesmo título atribuído ao discurso de Soujourner Truth.

> o povo negro, conheceu e aceitou esta hierarquia; também internalizaram conscienciosamente ou inconscienciosamente"(HOOKS. 1981. p.40).

O sexismo implementado nesta cultura dentro do regime escravagista americano visava torturar psicologicamente a mulher negra, a desmoralizando e desumanizando em relação às outras mulheres brancas. Neste contexto, as mulheres negras foram definidas na percepção estadunidense como uma criatura bestializada, sexualmente selvagem e inadequadas para o casamento. (HOOKS, 1981). A análise de hooks nos ajuda a compreender que a mulher negra foi sexualizada e explorada das mais variadas formas, sem que com isso o patriarcado branco impusesse o mesmo tipo de tratamento à mulher branca.

A partir do segundo capitulo, hooks faz a análise acerca da desvalorização sistemática que a mulher negra sofreu no contexto desta sociedade patriarcal e racista. Conforme aponta, a exploração sexual da mulher negra reverberava nos aspectos políticos e sociais do período; uma campanha de depreciação da mulher negra se instaurava como prática comum, num esforço de minar e destruir qualquer autoconfiança que a mulher negra possuísse (HOOKS, 1981).

> Todos os mitos e estereótipos usados para caracterizar a natureza feminina negra tiveram as suas raízes na mitologia anti-mulher. No entanto, eles formaram a base da maior investigação crítica à natureza da experiência das mulheres negras. Muitas pessoas tiveram dificuldade em apreciar as mulheres negras como nós somos devido à avidez em impor uma identidade sobre nós, baseada num sem número de estereótipos negativos. Os esforços de disseminação contínua de desvalorização da natureza feminina negra tornaram extremamente difícil e frequentemente impossível às mulheres negras desenvolverem um auto-conceito positivo. Porque somos diariamente bombardeadas por imagens negativas. De facto, uma força opressiva foi este estereótipo negativo e a nossa aceitação disso como um papel viável e modelo sobre o qual podemos modelar as nossas vidas. (HOOKS, 1981, p. 62)

O terceiro capítulo, intitulado "O imperialismo do patriarcado", trata dos mecanismos de funcionamento e dos impactos do sexismo na vida de mulheres negras. Aqui, hooks demonstra como o sexismo enquanto prática de controle do corpo feminino era instaurado não apenas na dimensão opressiva identificável no homem branco em relação à mulher negra: neste contexto o homem negro por sua vez também colaborou para tornar o sexismo presente e claustrofóbico na vida da mulher negra. A mulher negra foi conduzida a perceber seu lugar no tecido social como ora objetificado, como mera ocasião para o prazer sexual do seu homem, ora como trabalhadora obstinada e sem descanso, se permitindo todo tipo de trabalho físico que não era sequer apresentado à mulher branca. Isto levou a mulher negra muitas vezes a revoltar-se contra o homem negro, introjetando a lógica imperialista do patriarcado. O penúltimo capítulo da obra apresenta a questão do racismo de dentro do movimento feminista. A autora argumenta que, sendo os Estados Unidos um país colonizado que assentou suas bases

ideológicas sobre um fundamento imperialista e racista, o racismo enquanto modo de percepção acabou por gerar uma divisão no circuito feminino, gerando uma cisão na possibilidade de qualquer interação amigável entre as mulheres brancas e as negras. Por isso. conforme aponta hooks, o feminismo de Segunda Onda buscava igualdade social para todas as mulheres – sendo que neste contexto as mulheres brancas não reconheciam as mulheres negras como suas iguais. (HOOKS, 1981)

> As mulheres americanas foram socializadas, até lavadas cerebralmente, para aceitarem a versão da história americana que foi criada para sustentar e manter o imperialismo racial na forma da supremacia branca e o imperialismo sexual na forma do patriarcado. Uma medida de sucesso de tal doutrinação em que perpetuamos ambas as formas de maldades que nos oprimem conscientemente e inconscientemente(HOOKS, 1981, p. 88).

Por fim, no último capítulo, hooks apresenta um estudo sobre a relação das mulheres negras e o feminismo. Trata de apresentar a diversas mulheres negras da história que contribuíram na luta dos direitos femininos entre os séculos XIX e XX, como Soujourner Truth e Anna Cooper. Aborda os mais diversos acontecimentos sociais que levaram grande parte das mulheres negras a se afastarem do movimento feminista, como a busca pelo sufrágio feminino, que, não promovendo grandes revoluções no status social da mulher negra, levou muitas mulheres a abandonarem o ativismo de frente, desiludidas com seu papel no contexto geral do movimento feminista.

> “Elas descobriram que obter direitos para as mulheres tinha pouco impacto no seu status social, bem como no imperialismo racial que automaticamente lhes negava a total cidadania. Enquanto as mulheres brancas estavam a regozijar sobre obterem o direito ao voto, um sistema de apartheid racial estava a ser institucionalizado por todos os Estados Unidos, que iria ameaçar a liberdade das mulheres negras muito mais crucialmente que o imperialismo sexual”. (HOOKS, 1981, p. 124)

A busca empreendida por hooks ao longo de sua obra é mostrar como a mulher pode ser alienada de si mesma, chegando a naturalizar sua condição social por não possuir clareza de suas condições para a luta e as diferenças estabelecidas entre classes, que criam uma dificuldade na possibilidade de se homogeneizar o movimento feminista num todo.

2. FORMAÇÃO DO SUJEITO NA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

No percurso da genealogia do sujeito moderno, vemos o modo segundo o qual autores(as) vão recolocando problemas da tradição e direcionando novas vertentes. As próximas sessões visam apresentar como Foucault, Butler e Preciado articulam o sujeito moderno, suas inflexões e recusas.

2.1 Foucault e a construção da figura do sujeito.

Foucault traçou como projeto de suas análises a compreensão do modo pelo qual certas disposições históricas – discursivas, simbólicas – definiram uma representação que circunscreve e marca uma subjetivação; o modo pelo qual a gênese de um sujeito não opera desde uma interioridade enclausurada e pré-estabelecida, mas de um complexo de práticas discursivas que tem como efeito a sua criação. Assim Foucault buscou mostrar que a história da subjetividade moderna é uma história descontinuada e desantropologizada. Conforme percorre a episteme moderna23, Foucault apresenta uma distinta oposição à tradição cartesiana que subsume uma substancia *a priori*, propondo que o sujeito seria a forma representacional de um não universal, um signo variante conforme o escopo no qual ele se constitui.

> Não é uma substância. É uma forma, e essa forma nem sempre é, sobretudo, idêntica a si mesma. Você não tem consigo próprio o mesmo tipo de relações quando você se constitui como sujeito político que vai votar ou toma a palavra em uma assembleia, ou quando você busca realizar o seu desejo em uma relação sexual. Há, indubitavelmente, relações e interferências entre essas diferentes formas do sujeito; porém, não estamos na presença do mesmo tipo de sujeito. Em cada caso, se exercem, se estabelecem consigo mesmo formas de relação diferentes. E o que me interessa é, precisamente, a constituição histórica dessas diferentes formas do sujeito, em relação aos Jogos de verdade (FOUCAULT, 1984, p.268)

Foucault propõe uma analítica da verdade, o modo pelo qual determinados arranjos simbólicos, linguísticos criam significações – estabelecendo subjetivações – que orientam o modo de ser identificado. Para Foucault, o sujeito surge na medida em que dispositivos

[23] A *Episteme* é para Foucault o campo de análise arqueológica dos diversos modos de saber: político, ético etc. Em *As Palavras e as Coisas*, Foucault estabelece uma concepção de episteme mais geral, histórica – *episteme* clássica, episteme moderna etc. que apresentam o panorama histórico pelo qual certas configurações de saber são constituídas. Foucault abandona tal concepção em *Arqueologia do Saber*, passando a apresentar episteme como uma análise das formações discursivas, primeiro pela noção de dispositivo e pôr fim a noção de prática.

discursivos são criados histórica e socialmente, não tendo como solo evidências empíricas ou metafisicas, mas condições nas quais um sujeito deve estar submetido para tornar-se "sujeito de conhecimento", como ele deve ser problematizado, delimitado etc.

Assim podemos dispor estrategicamente de três modos de subjetivação/ objetificação propostos por Foucault: 1) o modo de análise da instauração de um modo de saber cientifico, por exemplo com a linguística estabelecendo um sujeito falante, ou com a economia estabelecendo um sujeito de produção. Tal modelo pode ser observado a partir das análises que Foucault empreende em *As Palavras e as Coisas*. 2) uma análise que percorre o modo pelo qual sujeitos são separados e categorizados conforme determinados espaços representacionais, como a distinção louco e são, enfermo e saudável, criminoso e bondoso. Vemos tal apresentação ao longo de obras como *História da Loucura*, *O Nascimento da Clínica* e V*igiar e Punir*. 3) e por fim, o modo pelo qual o homem percebe-se como sujeito, por exemplo sujeito de uma sexualidade, conforme explorado por Foucault na *História da Sexualidade*.

Foucault pretende, ao longo de seu percurso analítico, expor as condições de fragilidade sobre as quais a assunção de um universal como o homem está garantida, e como tal assunção opera um modo de Poder que delimita os campos de ação de um "sujeito", marcando-o peremptoriamente num "*dever ser*", impondo a que tipo de liberdade esse sujeito está determinado, e quais modos de existir são válidos em certos tipos de cenários históricos e sociais[24].

A arqueogenealogia (CADE A NOTA?) citando de onde? Foucaultiana permitiu recolocarmos a questão "de onde viemos?" que carrega o peso angustiante de uma verdade universal, para a questão "como nos tornamos?", ampliando as capacidades interpretativas, deixando estratégica e temporariamente verdades particulares. Nos interessa agora, a partir desta exposição geral, detalharmos um momento de virada do pensamento foucaultiano, no qual o Poder é deixado de lado e a subjetividade não é mais efeito de dispositivos discursivos trans históricos, mas de criações singulares e performáticas.

[24] Um dos meus objetivos é mostrar às pessoas que um bom número de coisas que fazem parte dessa paisagem familiar – que as pessoas consideram como universais – não são senão resultados de algumas mudanças históricas muito precisas. Todas as minhas análises vão contra a ideia de necessidades universais na existência humana. (FOUCAULT, 1988, p.288)

É importante ressaltar que muitos "Foucaults" são encontrados no percurso de sua obra, no qual seus comentadores[25] identificam por arqueológico, genealógico e por fim ético.

No período denominado arqueológico temos as seguintes obras: Doença mental e psicologia, História da Loucura na idade clássica, O Nascimento da Clínica, As palavras e as coisas, Arqueologia do Saber; no chamado período genealógico: Vigiar e Punir, Microfísica do Poder, A verdade e as formas jurídicas, A sociedade punitiva, O poder psiquiátrico, Nascimento da biopolítica; e na fase final, o período ético, temos O cuidado de si, O uso dos prazeres, A hermenêutica do sujeito, Subjetividade e verdade, O governo de si e dos outros.

Para Foucault, as Ciências Humanas (psicologia, sociologia e análise da literatura) emergem justamente na distância que separa os níveis empírico e transcendental, no que para Foucault configura o espaço da representação. Não uma representação interpretada a época clássica, configurada pela busca de uma ordem em termos de igualdades e diferenças, onde o quadro de signos é a própria imagem das coisas; mas sim como um "fenômeno de ordem empírica que se produz no homem" (FOUCAULT *apud* MACHADO, 1982, p. 144). Ou seja, a representação é um produto de nossa consciência, diferente do próprio homem, mas que não deixa de manter uma relação de indissociabilidade com as coisas, que se encontram em outro nível.

> A representação que o homem se faz a partir deles [objetos das ciências empíricas] não é um aprofundamento daquilo que são esses objetos, mas, pelo contrário, seu avesso, sua marca negativa. Os homens, pelo fato de viverem, trabalharem e falarem, constroem representações sobre a vida, o trabalho e a linguagem: essas representações são justamente os objetos das ciências humanas. As ciências humanas estudam o homem enquanto ele se representa na vida na qual está inserida, sua existência corpórea, a sociedade em que se realiza o trabalho, a produção e a distribuição, e o sentido das palavras (MACHADO 1982, p. 145)

A obra *Arqueologia do Saber* não se configura apenas como a formulação de um método das pesquisas anteriormente realizadas, como a História da Loucura, Nascimento da Clínica etc. menos ainda uma proposta para as próximas pesquisas. O interesse de Foucault centra-se no discurso real, pronunciado e existente como materialidade. A definição de todo seu método se construirá na definição dos principais objetos: o *discurso*, o *enunciado* e o *saber*. De modo correlato, ele inaugura, ao menos em termos de método, uma nova história:

> (…) em nossos dias, a história é o que transforma documentos em monumentos e que desdobra, onde se decifravam rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido, uma massa de elementos que devem

[25] RABINOW, Paul. DREYFUS, Hubert. Michel Foucault. Uma trajetória filosófica, para além do estruturalismo e da hermenêutica. Vera Porto Carrero (Trad.) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

> ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos. Havia um tempo em que a arqueologia, como disciplina dos monumentos mudos, dos rastros inertes, dos objetos sem contexto e das coisas deixadas pelo passado, se voltava para a história e só tomava sentido pelo restabelecimento de um discurso histórico; que poderíamos dizer, jogando um pouco com as palavras, que a história, em nossos dias, se volta para a arqueologia – para a descrição intrínseca do monumento (FOUCAULT, 2009, p. 8).

Assim, Foucault (ANO) propõe uma forma de fazer história que eleva tudo aquilo que as pessoas disseram e dizem ao estatuto de *acontecimento*. O que é dito instaura uma realidade discursiva; e sendo o ser humano um ser discursivo, criado ele mesmo pela linguagem, a Arqueologia é o método para desvendar como o homem constrói sua própria existência. Sobe esta interpretação, os sujeitos e objetos não existem a priori, são construídos discursivamente sobre o que se fala sobre eles. O corpo, por exemplo, só passou a existir a partir das reformulações discursivas da passagem da Idade Média para a modernidade. Por exemplo no discurso médico, com o desenvolvimento da patologia, o corpo passa a ser percebido como um conjunto de órgãos, e a Medicina passa a torná-lo discursivo, ou seja, a formular práticas e efetuar dizeres sobre ele.

Para compreendermos essa metodologia, imprescindível para a formulação teórica foucaultiana, iremos explicitar o que Foucault entende por discurso. Foucault o define na Arqueologia do Saber como *"um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva*"; este conjunto é limitado a um certo número de enunciados, além de ser

> "histórico – fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo." (FOUCAULT, 2009, pp. 132-133).

Os discursos possuem um suporte histórico e institucional, que válida ou inválida sua realização. Tomemos um sujeito, quando ocupa um lugar institucional, fazendo uso dos enunciados de determinado campo discursivo segundo os interesses de seu espaço de operação. O enunciado de um psiquiatra visando diagnosticar a doença mental, ou do pedagogo para aferir a aprendizagem de uma criança. É no centro destas instituições que os discursos se configuram e estabelecem como algo é representado. Conjugado a estes elementos, há outro central: a compreensão de que o discurso é uma prática, que constrói seu sentido nas relações e nos enunciados em pleno funcionamento.

Portanto, Foucault estabelece uma noção de formação discursiva. Para Foucault, constata-se que as regras que constroem um discurso como um sistema individualizado se apresentam sempre em um sistema de relações. Ou seja, são as relações entre objetos, tipos

enunciativos, conceitos e estratégias que possibilitam a passagem da aparente dispersão de elementos à regularidade, formando um único sistema vertical de dependência, em uma hierarquia de relações (MACHADO, 1982, p. 165). Tais relações, na medida em que formam uma regularidade em meio à aparente dispersão, são remissivas a um sistema de regras específicas que regem a formação dos discursos (FOUCAULT, 2009, p.80). Em uma das suas muitas observações, Foucault explicita que uma formação discursiva:

> ... não desempenha, pois, o papel de uma figura que para no tempo e o congela por décadas ou séculos: ela determina uma regularidade própria de processos temporais; coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos. Não se trata de uma forma intemporal, mas de um esquema de correspondência entre diversas séries temporais (FOUCAULT, 2009, p83).

Com o suporte do aparato Foucaultiano, podemos começar a buscar uma compreensão mais heterógena do modo pelo qual os modos de representação se configuram, permitindo retornar a questão que mantem a linha condutora da pesquisa, como minha subjetividade é definida, e de que modo os feminismos configuram-se desta perspectiva?

Sendo os modos de representação o signo que instaura um modo de verdade, precisamos entender de que modo, na perspectiva filosófica de Foucault, devemos submeter a própria verdadea uma crítica. Insistiremos nos modos pelo qual Foucault compreende mesmo fazer filosofia, usando de suporte uma conferencia que participou em 1978, na Sociedade Francesa de Filosofia, intitulada "O que é a Crítica", no qual coloca em questão o papel do esclarecimento e da própria crítica.

O que é a crítica (*Was ist Aufklärung*)

Na presença de inúmeros intelectuais e acadêmicos, Foucault inicia sua comunicação para discutir o modo como devemos tratar a questão epistemológica-transcendental, da chave o que posso conhecer? para uma postura de atitude. O que está em jogo aqui é definir como deve ser o movimento pelo qual o sujeito se atribui o direito de interrogar a verdade sobre os seus efeitos de poder e o poder dos discursos de verdade.

> Parece-me que, entre o alto empreendimento kantiano e as pequenas atividades polemico-profissionais que têm o nome de crítica, houve no Ocidente moderno (a datar, grosseira e empiricamente, nos séculos XV e XVI) uma certa maneira de pensar, de dizer e de agir, uma certa relação com o que existe, com o que se sabe, com o que se faz, uma relação com a sociedade, com a cultura, uma relação também com os outros a que poderíamos chamar atitude crítica (FOUCAULT, 2017, p.31).

Para Foucault, o modo de pensar a crítica não está distante daquilo que Kant entendia por Aufklärung. Em 1784, Kant a definiu como uma saída do estado de menoridade ao qual a humanidade havia sido mantida autoritariamente até então; menoridade, que significa incapacidade

de servir-se do próprio entendimento sem a regulação de outrem. Tal incapacidade, decorreria do excesso de autoridade somada à falta de atitude e coragem. O processo da Aufklärung é justamente o oposto do excesso de autoridade e da falta de coragem.

O *Sapere aude* kantiano é completamente indissociável do projeto crítico. Trata-se de estabelecer uma ideia dos limites do conhecimento, em conhecer o próprio conhecimento.

Foucault ressalta que Kant estabelece um vínculo incontornável entre crítica e Aufklärung: "*a Crítica, é como o frontispício da razão tornada maior na Aufklärung; e inversamente, a Aufklärung, é a maturidade da Crítica*" (FOUCAULT, 2017, p.44). Sem a Aufklärung, a Crítica não teria razão de ser; sem a Crítica, a Aufklärung se perderia. Tal posição resulta no caráter epistêmico da Crítica, e desemboca necessariamente na autonomia ética e política proposta pela Aufklärung.

Para Foucault, a relação entre Crítica e Aufklärung definido por Kant foi desmembrado nos séculos XIX e XX. A crítica teria sido reduzida ao aspecto epistêmico, recuando nas dimensões ético-políticas, tal qual Kant estabelecera (FOUCAULT, 2017, p.52).

Dentro desta perspectiva, podemos entender por que Foucault declara que, num sentido filosófico, seu pensamento inclui-se na "tradição crítica" de Kant (FOUCAULT, 2017, p.53). Não se trataria tanto de conhecer o conhecimento como modo de denunciar erros, dogmatismos e ideologias do passado e do presente. A originalidade da postura de Foucault foi ter sublinhado que o projeto crítico inaugurado por Kant é irredutível à perspectiva monolítica da razão moderna.

A aposta de Foucault aqui é outra: tratar de racionalidades específicas, regionais, múltiplas, conforme indicado nos diferentes tipos de amostragens estudadas. Significa direcionar as perspectivas da Aufklärung para além do destino histórico do conhecimento; retomar a questão da Aufklärung não mais pelo seu recuo em relação à crítica (identificação da coragem de saber com os limites do conhecimento legítimo), sem reivindicar uma nova história da filosofia ou uma filosofia da história.

Deste modo, a Aufklärung evocada por Foucault ganha um caráter de prática histórico-filosófica. Trata-se de indagar até que ponto os discursos de verdade sobre o indivíduo, elaborados pelas ciências humanas e pela filosofia, são indissociáveis de mecanismos constringentes de poder e de sujeições determinadas.

Essa posição nos ajuda a olhar o modo segundo o qual podemos pensar sobre o pensar. Se as práticas discursivas, como as médicas, estabelecem um modo de representação sobre um indivíduo, devemos então colocar sobre crítica esses operadores, recolocando-os sobre o crivo não de uma razão reguladora universal, mas do modo pelo qual esses mesmos operadores se constituem como objetos de verdade.

Passemos agora para um conjunto do corpus foucaultiano que irá nos ajudar a colocar então sobre uma nova ótica esses modos de representação, a saber, como podemos nos definir em termos de sexualidade e gênero.

O Cuidado de Si

Quando da publicação da *História da Sexualidade*, Foucault apresenta-nos a análise que expõe o modo pelo qual o a sexualidade torna-se objeto de discussão e formação de um indivíduo. Composta de três volumes (e um quarto volume publicado postumamente), a *História da Sexualidade* é dividida nos seguintes volumes:

1. *A Vontade de Saber* – A hipótese apresentada por Foucault é de que diferentemente do que se pensa, a hipótese repressiva – a concepção de que a sexualidade foi suprimida ao longo dos séculos XVII aos meados do século XX, com o surgimento do capitalismo e da sociedade burguesa – mais do que ocultar, proliferou o discurso sobre o sexo, mapeando-o cientificamente, dando ênfase no aspecto confessional acerca da sexualidade, delimitando o que é considerado perversão etc.

2. *O Uso dos Prazeres* – Aqui Foucault abandona a dupla análise saber-poder do primeiro volume, buscando discutir como a sexualidade foi construída pelos gregos, percebendo que a relação dos mesmos com seus corpos não opera pelo mesmo registro da modernidade. Os gregos, segundo Foucault, disporiam de práticas na formação do sujeito grego: prática do regime, prática do governo doméstico e prática da corte no comportamento amoroso.
3. *O Cuidado de Si* – Em seu último volume (em se considerando os autorizados expressamente por Foucault), Foucault ainda desde a perspectiva grega remonta aos modos pelos quais os gregos constituíam a si mesmos enquanto sujeitos do prazer. Segundo Foucault, os gregos estabeleciam um padrão ético não por critérios abstratos e universais, mas sim por meio de tipos específicos de condutas para consigo mesmo, dispondo suas vidas como verdadeiras obras de arte, num constante exercício de criação do modo de agir.

   Para delinear claramente o panorama no qual Foucault quer deixar "aparecer" esse tipo de conduta criativa disposto entre os gregos, vamos indicar aquilo que Foucault em certa ocasião chamou de tecnologias, e as quais subdividiu em: tecnologias de produção – certos tipos de arranjos que produzem, manipulam e transformam coisas; tecnologias dos sistemas de signos – que dispõem signos, símbolos e significantes; tecnologias de poder – o estabelecimento de que tipos de conduta os indivíduos podem ter, que os condiciona a

certos modos de submissão e controle; e por fim tecnologias de si – o que permite aos indivíduos por si mesmos ou na relação com outros definir o modo como seus corpos, pensamentos, conduta etc. irão aparecer, buscando certos estados de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade.[26]

Com o cuidado de si, os gregos criavam uma conduta ética, não postulada por preceitos metafísicos, mas definida nos termos de sua autoconstrução. Quando agia em conformidade com seus desejos e vontades, numa busca por um viver bem, o grego produzia uma conduta não egoísta e individualista, mas uma conduta que visava o bom cuidado para consigo e o outro. Cuidar de Si para os gregos considerava também cuidar do outro, numa reciprocidade regida pela prática sem sustentar-se em modelos normativos. Segundo Foucault, desde o cartesianismo trocou-se por meio da constituição do Cogito o preceito délfico de "Cuida de ti" para um outro preceito grego o de "Conhece-te a ti mesmo". Foucault esclarece nestas análises que os gregos estabeleciam uma ética da liberdade, e tal postulado prático era universalizado no contexto da cidade grega num todo, sem prescrições metafisicas, como se dá no advento do Cristianismo. De uma moral particular e autorregulada, a instituição do Cristianismo estabeleceu uma moral universal e limitante, definiu especificamente um código de regras.

O cuidado de Si é a prática grega do indivíduo ocupar-se consigo mesmo: "é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidado contigo mesmo" (FOUCAULT, 2010, p. 6). Foucault mapeia tal compreensão no curso ministrado no Collège de France chamado *A Hermenêutica do Sujeit*o.

> Desde o personagem de Sócrates interpelando os jovens para lhes dizer que se ocupem consigo até o ascetismo cristão que dá início à vida ascética com o cuidado de si, vemos uma longa história da noção de *epiméleia heautoû* (cuidado de si) (FOUCAULT, , 1984, p.268)

Esta prática estabelecia uma conduta precisa de manutenção do corpo e da mente, deixando o grego em condições para agir tanto para si como para com a cidade. Estando o grego pleno para si ele é capaz de estar pleno para o outro dentro do paradigma do cuidado de si:

> essa atividade de ter cuidados com a própria alma deve ser praticada em todos os momentos da vida, quando se é jovem e quando se é velho. Entretanto, com duas funções diferentes: quando se é jovem trata-se de preparar-se para a vida, armar-se, equipar-se para a existência; e no caso da velhice, filosofar é rejuvenescer, isto é, voltar no tempo ou, pelo menos, desprender-se dele, e isso graças a uma atividade de

[26] FOUCAULT, M. 1988, p.18 A nota vem no corpo do texto

> memorização que, para os epicuristas, é a rememoração dos momentos passados (FOUCAULT, 2010, pp. 80-81).

Assim, atividades como provação frente a um desafio, autoexame de consciência e autorreflexão do pensamento constituíam exercícios aos quais se submetiam. Cuidar do corpo para os gregos é também cuidar da alma: conforme enfatiza Foucault, para os gregos corpo e alma operam numa dualidade simultânea e não transcendente. Enfermidades do corpo poderiam ser compreendidas objetivamente (bile, dores musculares etc.), e enfermidades da alma diriam respeito a modos de comportamento que poderiam por vezes não serem considerados como defeitos de atitude em relação a um outro, mas como virtude (cólera como atitude, teimosia como perseverança etc.).

> "as desordens do corpo podem, em geral, ser detectadas pelo pulso, a bile, a temperatura, as dores; e que, aliás, as piores doenças físicas são aquelas em que o sujeito, como na letargia, na epilepsia, na apoplexia, não se dá conta de seu estado. Nas doenças da alma o grave é que elas passam desapercebidas ou mesmo que podem ser tomadas por virtudes (a cólera por coragem, a paixão amorosa por amizade, a inveja por emulação, a covardia por prudência)" (FOUCAULT ,2014, p.75).

Para Foucault, o importante no cuidar de si é a vigilância sobre corpo e alma. Buscar uma atitude que a todo momento mantenha austera, mas livre a prática do indivíduo em relação a si mesmo. "O fim principal a ser proposto para si próprio deve ser buscado no próprio sujeito, na relação de si para consigo" (FOUCAULT, 2014, p.83). O modelo ético alcançado aqui instaura um "sujeito" na medida em que ele vai progressivamente se construindo – enfatizando que construir-se aqui compreende uma teleologia sem caminho pré-escrito. Foucault ainda aponta a importância de se identificar uma diferença entre o modo pelo qual o cuidado de si é rearticulado com o cristianismo – os exercícios espirituais, por exemplo, foram assimilados e modificados para práticas ascéticas que diminuem a importância a ser dada ao corpo, enfatizando apenas a alma. Enquanto na Antiguidade as práticas de si buscavam no indivíduo uma relação plural para com o outro – as condutas que produzem esse sujeito não provinham de normas ou leis gerais, mas conforme cada grego ocupava-se de se constituir de forma bela, tomados na totalidade a conduta operava de modo universal – no cristianismo a conduta é normativa, condiciona o sujeito numa interioridade que visa um ascetismo egoísta e singular. O grego, segundo Foucault, buscou uma estética da existência, uma moral que visou essencialmente uma ética pessoal que tinha por projeto criar-se singularmente como indivíduo belo (buscando o sentido de ser visto pelo outro como perfeito, admirável, atraente).

> Quanto a essa elaboração de sua própria vida com uma obra de arte pessoal, creio que, embora obedecesse a

> cânones coletivos, ela estava no centro da experiencia moral, da vontade de moral na Antiguidade, ao passo que, no cristianismo, com a religião do texto, a ideia de uma vontade de Deus, o princípio de uma obediência, a moral assumia muito mais a forma a um código de regras (apenas algumas práticas ascéticas eram mais ligadas ao exercício de uma liberdade pessoal) (FOUCAULT, 1984 p.283).

2.2 Butler: sujeito como performance

Considerada um dos nomes principais do debate feminista, Judith Butler construiu um profícuo arcabouço filosófico mesclando saberes da filosofia, da psicanálise (sobretudo lacaniana) e da teoria feminista. Butler elabora uma concepção acerca da identidade do sujeito que destitui a relação causal entre corpo e mente – apoiada especialmente nos trabalhos de Foucault – estabelecendo que um sujeito é a construção social que ele cria de si mesmo.

Butler, diferentemente de Foucault, enfatizou aa questão do gênero, retomando a análise existencialista de Simone de Beauvoir proposta em *O Segundo Sexo*, segundo a qual a identidade da mulher não é uma substância pré-existente, mas uma construção *a posteriori* ao longo das experiencias vividas. Butler também remete a uma constelação de autoras do feminismo da chamada Segunda Onda[27], como Luce Irigaray, Monique Wittig, Angela Davis, para citar alguns nomes relevantes a nossa discussão.

Gênero como performance

No livro *Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade* (ANO), Butler apresenta a tese segundo a qual nossa identidade de gênero não está prescrita em nossa anatomia – o sexo biológico não estabelece o modo que um indivíduo representa seu sujeito. Butler, ao longo de seu livro, demonstra como a dicotomia sexo/biologia não delimita e fixa a dicotomia gênero/identidade. Utilizando Foucault como um dos seus maiores interlocutores, Butler vai propor a ideia de que nossas identidades não estão marcadas em definições metafisicas ou em evidências naturais, mas que nós estabelecemos a própria ideia de identidade

[27] Iremos discutir os três movimentos histórico-sociais nos quais a ideia de ondas estabelece o recorte histórico-cultural que delimita o feminismo ao longo de suas reformulações mais adiante.

na medida em que somos regulados discursivamente por um modelo político, ético etc. Para Butler

> O poder jurídico "produz" inevitavelmente o que alega meramente representar; consequentemente, a política tem que se preocupar com essa função dual do poder: jurídica e produtiva. Com efeito, a lei produz e depois oculta a noção de "sujeito perante a lei", de modo a invocar essa formação discursiva como premissa básica natural que legitima, subsequentemente, a própria hegemonia reguladora da lei (BUTLER. 2017 p.20).

Ela irá discutir que uma "*mulher*" não é necessariamente tudo o que está expresso nesse conceito, que os traços biológicos não estabelecem completamente aquilo que esse indivíduo pode ser, porque o gênero nem sempre irá seguir o contexto histórico e cultural no qual ele se apresenta. Segundo Butler

> ... o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas Resulta que se tornou impossível separar a noção de "gênero" das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida (BUTLER , 2017, p.21).

Butler esclarece que historicamente foi sendo difundida a concepção de que sexo é expressão direta do gênero na medida em que a cultura ocidental se estabeleceu como heterossexual, naquilo que ela retoma da teórica feminista Adrienne Rich como "*heterossexualidade compulsória*", i.e., o modo que estabeleceu como norma a heterossexualidade, tanto masculina quanto feminina, ditando assim como deve ser o modo de representação e agenciamento dos corpos. Mesmo partindo da premissa existencialista de Simone de Beauvoir, sintetizada na frase ""*Não se nasce mulher, torna-se mulher*"", Butler critica o ponto de partida proposto por Beauvoir, a de que o sujeito na analítica existencial é sempre o sujeito do masculino, como uma espécie de universal positivo, enquanto o sujeito feminino funciona numa lógica de oposição ao masculino, como um negativo do mesmo, singular.

> A análise de Beauvoir levanta implicitamente a questão: mediante que ato de negação e renegação posa o masculino como uma universalidade descorporificada renegada? A dialética do senhor e do escravo, aqui plenamente reformulada nos termos não recíprocos da assimetria do gênero, prefigura o que Irigaray descreveria mais tarde como a economia significante masculina, a qual inclui tanto o sujeito existencial como o seu Outro (BUTLER , 2017, p.35)

Butler vai retomar uma análise linguística proposta por Irigaray, que aponta o feminino como sempre sendo relegado a subalternidade desde sua determinação simbólica, na medida em que a linguagem cultural é explicitamente falocêntrica, ou seja, o corpo feminino é criado discursivamente desde uma matriz masculina,

> (...) esse modo falocêntrico de significar o sexo feminino reproduz perpetuamente as fantasias de seu próprio desejo auto engrandecedor. Ao invés de um gesto linguístico auto limitativo que garanta a alteridade ou a diferença das mulheres, o falocentrismo oferece um nome para eclipsar o feminino e tomar o seu lugar (BUTLER , 2017, p.36).

Butler vai insistir na ideia de que os movimentos feministas, por exemplo, devem primeiramente questionar os pressupostos que formam sua própria identidade: as ações políticas só teriam condições de serem debatidas na medida em que o "feminismo" libertasse a si da construção masculina que delegou-lhe os próprios termos de sua identidade. Diz-nos Butler,

> A identidade do sujeito feminista não deve ser o fundamento da politica feminista, pois a formação do sujeito ocorre no interior de um campo de poder sistematicamente encoberto pela afirmação desse fundamento. Talvez, paradoxalmente, a ideia de "representação" só venha a fazer sentido para o feminismo quando o sujeito "mulheres" não for presumido em parte alguma (BUTLER , 2017, p.25).

A análise que critica o uso da linguagem masculina para servir de critério representacional do feminino ajuda Butler a recolocar a questão para um ponto mais fundamental: quais são os critérios que estabeleceram o modo pelo qual um sujeito é construído socialmente? Mesmo considerando-se a hipótese Foucaultiana que aponta que toda identidade do sujeito é um complexo discursivo que delimita, agencia e regula, e por fim cria-o como efeito, a matéria prima dessa discursividade ainda parte de um arranjo pré-estabelecido – o discurso do masculino.

Butler vai então apresentar os pontos divergentes entre a concepção Beauvoriana que expressa o gênero do feminino como uma dialética negativa em relação à identidade do masculino, e a concepção Irigarayniana que aponta a dialética como sendo mal colocada enquanto questão – os discursos masculinos monolíticos dão os termos lógicos, ontológicos e epistemológicos, deixando a resistência do feminino propensa a reificar os termos que ela mesma combate.

> "O esforço de incluir "Outras" culturas como ampliações diversificadas de um falocentrismo global constitui um ato de apropriação que corre o risco de repetir o gesto auto engrandecedor do falocentrismo, colonizando sob o signo do mesmos diferenças que, de outro modo, poderiam questionar esse conceito totalizante" (BUTLER, 2017, p.37)

Conforme apresenta sua hipótese de gênero como performatividade, Butler vai propor uma crítica ao que ela vai chamar de metafisica da substância, a ideia de que uma natureza ou essência está desde sempre garantida nos corpos. Para ela, a questão de identidade foi geralmente debatida filosoficamente nos termos de uma "*identidade pessoal*" - como um sujeito é em si mesmo, sua interioridade etc. – mas que o ponto central a ser debatido seria como determinadas configurações (políticas, sociais, históricas, simbólicas) tornam-se o

sistema normativo regulador, como determinados arranjos estabelecem a Lei. O gênero só pode ser percebido segundo um sistema de inteligibilidade disponível: a crítica aqui visa repensar como tais modelos podem ser remodelados – ou mesmo ignorados – se novos sistemas de signos devem ser criados para tornar possível um modelo dialógico. Nos termos de uma certa "*tradição histórica*", a matriz de inteligibilidade insiste na relação causal entre o sexo biológico e a identidade do sujeito. Visto que o mundo social a todo momento apresenta indivíduos que não são expressos inteligivelmente pelo modelo normativo disponível, ela apresenta a falência mesmo de um sistema sustentado em metafisicas ou essencialismos[28]. Butler nos indica que sexo, gênero e desejo se articulam na medida em que o sexo remete a um tipo de gênero – como designação psíquica ou cultural – e desejo como uma pulsão heterossexual ou homossexual, estabelecendo assim uma assimetria de experiências.

Retomando o panorama Foucaultiano, Butler vai citar o diário de Herculine Barbin, uma/uma hermafrodita do século XIX, material esse editado por Foucault, em que ele/ela não era passível de uma classificação distinta e universal (considerando toda economia médico/jurídica disponível) entre os termos de um binarismo heterossexual que estabelece uma correlação entre sexo e gênero e divide os indivíduos entre as dicotomias macho/fêmea, masculino/feminino. Embora Butler se afaste de modo significativo das considerações de Foucault sobre a experiência de Herculine – o diário de Barbin tem uma introdução escrita por Foucault –, ela afirma que a heterogeneidade sexual, que é literalmente corporificada por Herculine, constitui uma crítica implícita a essa metafísica da substância.

O caso de Herculine vai gerar um curto circuito na epistemologia presente do século XIX, justamente por ainda disporem de um binarismo como base significante. Herculine traz o problema de não poder ser classificado em termos absolutos de masculino ou feminino, deixando sua identidade de gênero num sistema fantasmático – até o estabelecimento jurídico de um procedimento médico que delimita e configurasse finalmente a identidade total de Herculine/Alexia.

> As convenções linguísticas que produzem eus com características de gênero inteligíveis encontram seu limite em Herculine, precisamente porque ele/ela ocasiona uma convergência e desorganização das regras que governam sexo/gênero/desejo. Herculine desdobra e redistribui os termos do sistema binário, mas essa mesma redistribuição os rompe e faz proliferar fora desse sistema. Segundo Foucault, Herculine não é categorizável no gênero binário como tal; a desconcertante convergência de heterossexualidade e homossexualidade em sua pessoa só é

[28] Com o suporte de Irigaray, Butler ataca a propedêutica dos discursos e signos disponíveis. "Na opinião de Irigaray, a gramatica substantiva do gênero, que supõe homens e mulheres e assim como seus atributos de masculino e feminino, é um exemplo de sistema binário a mascarar de fato o discurso unívoco e hegemônico do masculino, o falocentrismo, silenciando o feminino como lugar de uma multiplicidade subversiva"(BUTLER, J. 2017, p.46)

> ocasionada, mas nunca causada, por sua descontinuidade anatômica (BUTLER , 2017, p.54).

Ainda segundo Foucault, conforme analisa Butler, Herculine serve como a representação paradigmática da completa insuficiência em remeter o sexo a um caráter predeterminado, uma estrutura causal que poderia ser quantificada e qualificada. Em *História da Sexualidade*, Foucault apresentou um novo tipo de interpretação sobre o conceito de sexo: ao invés de mapear e significar os comportamentos e prescrições do ato sexual, Foucault faz uma genealogia do sexo, como ele aparece não como substância ou essência, mas como efeito de certas práticas. Diz-nos Butler sobre essa análise Foucaultiana:

> (...) não só o "sexo" precisa ser recontextualizado nos temos de uma sexualidade, mas o poder jurídico tem de ser repensado como uma construção produzida por um poder generativo que, por sua vez, oculta o mecanismo da sua própria produtividade (BUTLER , 2017, p.167)

Retomando o ponto de partida, Butler já nos chama para compreender a distinção sexo/gênero no princípio de *Problemas de Gênero.* Segundo sua análise não há sexo que já não carregue atrelado a sim um gênero. Uma ação política feminista precisa fugir do jogo das representações "*clássicas*", ou seja, um sistema de signos predeterminado não consegue mais comportar a pluralidade identitária disponível, assim, conforme nos diz: "*uma política feminista que tome a construção variável da identidade como um pré-requisito metodológico e normativo, senão como um objetivo político*" (BUTLER, J. 2017, p.25).

Partindo desta perspectiva, a construção identitária do gênero não deve ser mais tomada desde um "ser" já estabelecido e conformado, nos termos de uma metafisica ou de uma biologia, mas como uma figura em constante "*vir a ser*". O gênero não é mais ocaso de determinados arranjos num sujeito, agora ele se subscreve como os atos exercidos por esse sujeito, que é criado na medida em que se realiza no mundo. Tomemos um exemplo dentre tantos disponíveis no espaço social – a travesti. Temos ali um corpo que escapa ao conjunto hierárquico da norma, suspendendo quaisquer presunções causais: o sujeito ali regula seu corpo com liberdade definindo-lhe – provisoriamente ou não - seus modos de ser e agir. O gênero ali apresentado advém do conjunto de ações que esse próprio corpo empreende, sua imagética (vestuário, postura, linguagem etc.) é sempre aquilo que ela faz de si. A travesti não escolhe num sistema de signos já estabelecido - como num gesto consciente de pegar um objeto ou não – mas num arranjo que vai sendo dinamicamente adotado, pois não havia nada "*antes*". A hipótese Butleriana não quer apenas pensar esse como o caso limite dessa articulação, pois para ela todas os gêneros são estabelecidos segundo o mesmo princípio; você

"*é*" aquilo que você "*faz*". Ainda sobre essa hipótese, Butler vai insistir que essa performatização não está a serviço de uma consciência que já se encontrava anterior aos seus gestos – como um ator interpretando um papel. Por isso a distinção entre performance e performatividade, uma subsume um sujeito preexistente, a outra o constitui.

> Quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino com um feminino." (BUTLER , 2017, p.26).

Portanto, segundo sua hipótese, gênero é o conjunto complexo de atitudes construtoras de signos, em constante modulação em relação a si mesmo, nunca obedecendo uma teleologia normativa e definidora. Butler ainda é remetida como um dos mais importantes referenciais teóricos do movimento feminista, na medida em que criticou e recolocou os termos de significação do jogo das identidades, discutindo como operava a lógica do binarismo clássico e da dicotomia sexo/gênero, Butler apontou como o gênero é uma ficção performatizada, uma criação, que acontece sem um esteio (metafísico, natural) que lhe garanta um destino. Tal revisionismo permitiu repensar o modo mesmo pelo qual o movimento feminista ainda articulava suas demandas. Deve-se manter claro que criticando essa dualidade sexo/gênero, Butler nos demonstra a fragilidade de um sistema trans histórico de signos que regula os corpos. Se um gênero pode ser pensado como não essencializado, politicamente tem-se um signo que escapa as normatividades e leis vigentes, provocando rupturas que obrigam o campo do simbólico, e pôr fim do político, a se reinventarem. Tal atitude epistemológica carrega ainda uma recusa diante de um pressuposto comum – até então assumido pelo feminismo da época – o de que o feminismo se orientaria por um humanismo, que universalizaria e planificaria todos os sujeitos.

As concepções Butlerianas foram assumidas sobretudo pelos movimentos de teoria queer[29], permitindo inclusive comportar mais categorias (tomadas como minorias) aos movimentos feministas.

[29] Corrente teórica que estabelece que a orientação sexual e a identidade sexual não se encontram predeterminadas, mas são modos de construção social de um sujeito.

Relato de si ou confissão pública.

Percebemos então que as análises de Butler colocam (e recolocam) o problema da identidade como o paradigma para construção de sujeitos. Em sua obra "*Relatar a si mesmo – critica da violência ética*[30]", Butler expõe como o paradigma da identidade revela-se como um embate entre a autoformação de um sujeito em relação ao mundo social no qual está inserido. Neste texto, Butler argumenta que o apagamento da subjetividade a partir das exigências de uma coerência esperada pelo mundo fático inviabiliza o indivíduo de poder de forma absoluta afirmar seu "eu", ou seja, aqui é discutido as possibilidades e os limites do relato. Para a autora, a comunicabilidade é sempre atravessada por uma despossessão da linguagem que solapa a estabilidade da narrativa. Pela via da performatividade, Butler enfatiza que somos confrontados com normas e ditos anteriores que conformam nossa vida psíquica; há uma despossessão que caracteriza a linguagem. Em outras palavras, a condição da possibilidade de falar é assumir um discurso que é de Outro e, sendo assim, "nossa" língua nunca é completamente nossa. Segundo Butler, isso deriva da opacidade do sujeito sobre si; sendo incapaz de contar sua história desde sua origem, algo sempre faltará. É a partir desse diagnóstico que Butler quer deslocar os sentidos da pergunta ética "quem sou eu?" para "quem és tu?", enfatizando que nossas preocupações com as obrigações éticas devem levar em conta esse aspecto relacional fundamental em relação ao Outro que Butler nomeia de vulnerabilidade. Essa característica parcial do relato não significa, contudo, que ele não seja importante ou necessário politicamente: para Butler, sua potência reside em questionar os regimes de verdade:

> Afinal, quando relatamos a nós mesmos não estamos apenas transmitindo informações por um meio indiferente. O relato que fazemos é um ato - situado numa prática mais ampla de atos - que executamos por, para e até mesmo sobre um outro, um efeito alocutário, uma atuação pelo outro, e diante do outro, muitas vezes em virtude da linguagem fornecida pelo outro. Tal relato não tem como objetivo o estabelecimento de uma narrativa definida, mas constitui uma ocasião linguística e social para a autotransformação. Em termos pedagógicos, constitui parte do que Sócrates exemplificou sobre a *parresía* como uma fala corajosa no espírito crítico da "Apologia" (BUTLER, 2015a, p. 165).

Ao longo de uma profunda discussão com Adorno, Nietzsche, Foucault, Hegel, Laplanche e Lévinas, Butler apresenta múltiplas concepções sobre a interpelação de um indivíduo para com os outros, pois segundo ela, quando um Outro nos conclama sentimos a necessidade de expor nosso relato, dar à luz a nossa identidade, o "*eu*" sou. Com a perspectiva

[30] BUTLER, J. Relatar a si mesmo – Crítica da violência ética. Autêntica, São Paulo, 2015

adorniana, Butler argumenta que as condições sociais determinam o surgimento deste "*eu*", de modo que a história do "*eu*" será sempre a história de uma relação constante de normas. É sobre um horizonte de códigos pré-estabelecidos que um sujeito pode aparecer para o Outro. Quando utiliza o pensamento Foucautiano, Butler vai nos dizer que Foucault entende que naturalizar uma suposta verdade sobre nós é fazer com que ela oriente o modo como vivemos, significando negar a historicidade das nossas próprias vidas. Por isso, nos diz Butler, ele defende uma postura autocrítica, uma criação de si que, ao expor seus limites, mantém também uma relação crítica com os códigos de conduta que indicam as formas que os sujeitos podem assumir. Atitude que necessariamente envolve um risco, pois questionar as regras que ditam quem eu posso ser, problematizar o que elas abrigam e o que excluem, pode comprometer o meu reconhecimento pelos outros.

2.3 Preciado e o corpo como prótese

A discussão em torno da questão do Gênero faz-se ponto passivo nas rodas acadêmicas ou mesmo nos grupos militantes no cenário político. Paradas LGBT+, Marcha das Vadias etc. para citar alguns, surgem e ampliam não apenas sua visualidade como seus horizontes discursivos – agora o viado, a puta, o travesti, a lésbica não desejam apenas serem ouvidos, querem falar num regime de horizontalidade, e não mais numa verticalidade que lhes impunha uma hierarquia, definindo-os como uma fala "inferior". De partida tomemos o modo pelo qual tais signos (viado, puta, travesti, lésbica) são utilizados pelos seus atores políticos – o signo aqui é pego e reinterpretado fazendo com que ele não mais possua um caráter pejorativo, e sim reafirmando sua potência num uso debochado e explicito.

Assim seguindo com o suporte de um dos nomes mais utilizados para o debate acerca da ressignificação do corpo na atualidade, Paul Preciado, iremos discorrer por temas caros a certas tradições como natureza, corporeidade, sexualidade.

Paul Preciado, nascido Beatriz Preciado, é um filosofo espanhol, professor na Universidade de Paris VIII, discípulo do franco-argelino Jacques Derrida – pai da concepção filosófica de Desconstrução – instiga o debate ético e estético discutindo como devemos usar – pragmática e semióticamente – nossos corpos. Publicou em 2002 a obra Manifesto Contrassexual, texto que tem por objetivo criticar as concepções normativas de sujeito e sexualidade, propondo modulações e perturbações destes signos sobre a figura da ficcionalidade e performance. O Manifesto Contrassexual é apresentado como um texto performance na medida em que dispõe de uma narratividade não factual, e com o modelo de manifesto político, com artigos estabelecendo os

modos de ação destes novos sujeitos de desejo e conjunto com novas disposições institucionais e jurídicas para representá-los. O intento de Preciado com o Manifesto é não apenas discutir os equívocos ou mal entendidos resultantes do uso tradicional das categorias de gênero e sexo, mas deslocar-lhes os usos tornando-os objetos possíveis de modulação, sobe a figura das tecnologias. Categorias simbólicas como "*homem*", "*mulher*", "*homossexual*", "*heterossexual*" e "*transsexual*", por exemplo, agora passariam a ter a funcionalidade de máquinas semióticas; para a Contrassexualidade um "*pênis*" é completamente diferente de um "*pau*" – categorias de exclusão e inclusão foram criadas ao longo de séculos por estabelecer estes signos como sinônimos de características anatômicas visíveis, algo que Preciado vai paulatinamente desconstruir ao longo de seu texto. Seu objetivo mais geral é demonstrar que é uma ilusão reguladora a assunção normativa de uma natureza, pré-determinada e absoluta. Preciado discuti o cenário dispondo de uma constelação de autores que por vias similares – ou paralelas – buscaram analisar e criticar categorias universais factuais e naturais. As concepções de heterossexualidade de Monique Wittig, os dispositivos sexuais de Michel Foucault, às análises de gênero performativos de Judith Butler e a política ciborgue de Donna Haraway, são discursos seminais para a elaboração conceitual da Contrassexualidade de Preciado. Para Preciado uma das concepções equivocas e simplistas dos movimentos feministas construtivistas[31] seria dizer que o gênero é somente o signo resultante de construções socioculturais e linguísticas, estabelecidas ao longo do tempo conforme o contexto histórico situado. Por outro lado, Preciado não quer figurar entre os argumentos naturalizantes e biológicos, como se um cromossomo fosse definidor dos modos de ser de um "*sujeito*". Assim, Preciado quer de um modo positivo – política e academicamente – ampliar algo que para ele seria a insuficiência dos discursos de Atos de Performatividade apresentados por Butler[32] , pensar que essa alusão entre performance e gênero seriam suficientes para estabelecer o modo pelo qual um corpo aparece.

> A contrassexualidade tem como tarefa identificar os espaços errôneos, as falhas da estrutura do texto (corpos intersexuais, hermafroditas, loucas, caminhoneiras, bichas, sapas, bibas, fanchas, butchs, histéricas, saídas ou frígidas, hermafrodykes...) e reforçar o poder dos desvios e derivações com relação ao sistema heterocentrado. (PRECIADO, 2017, p. 27).

Preciado quer não apenas criar novos signos linguísticos para reposicionar um determinado grupo, como criar pronomes neutros ou excluir qualquer um que delimite um gênero. O que pretende é repensar todos os modos de escritura – de sexo e gênero – buscando ressignificar os

[31] No segundo capitulo iremos dispor de um quadro esquemático geral das diversas vertentes dos movimentos feministas modernos.

[32] BUTLER, J. Problemas de Gênero, Feminismo e Subversão de Identidade. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2017

modelos identitários em voga até então. Segundo ele, as apresentações em torno do gênero como performatividade até então não mais fizeram que inferir signos descritivos – como definir "é um menino ou uma menina" que ontologizam o gênero – isto diz respeito a dimensões linguísticas e discursivas. Preciado pretende apontar que o *"gênero não é simplesmente performativo*" (PRECIADO, 2017, p. 29). O signo do gênero é construído numa relação direta com o corpo orgânico, sem dicotomias metafisicas; o corpo em sua perspectiva é tal qual o objeto sexual do dildo, uma manifestação dupla imanente entre representação e real.

Preciado segue apresentando como os corpos foram sistematizados em sistemas de signos e saberes que produziram normas definindo o regime do que é aceitável do que não é aceitável. Nesta perspectiva, o signo do homossexualismo é um signo pervertido do signo da heteronormatividade. Nos diz Preciado que "durante dois séculos, a identidade homossexual se constituiu graças aos deslocamentos, às interrupções e às perversões do eixos mecânicos performativos de repetição que produzem a identidade heterossexual, revelando o caráter construído e prostético dos sexos" (PRECIADO, 2017, p.30); ou seja, reconfigurações dos modos de representação e função do corpo geram novas identidades – o próprio registro da heterossexualidade não é mais que um modo de operacionalização social do corpo, sem fundamento ontológico na natureza.

Com isso Preciado expõe esse quadro de reformulações e plasticidades pelo qual certas condutas sexuais se estabelecem. A utilização de objetos como dildos, a erotização do ânus ou mesmo as relações sadomasoquistas são exemplos dos modos pelo qual corpos se ressignificam e criam novas existências normatizadas.

> A exclusão de certas relações entre gêneros e sexos, assim como a designação de certas partes do corpo como não sexuais (mais particularmente o ânus: como Deleuze e Guattari mostraram, "o primeiro de todos os órgãos a ser privatizado, colocado fora do campo social") são operações básicas da fixação que naturaliza as práticas que reconhecemos como sexuais. A arquitetura do corpo é política (PRECIADO, 2017, p.31).

Retomando a introdução, na qual a pergunta, posso falar do feminismo, enquanto homem, iremos agora identificar como é possível se instaurar politicamente em qualquer meio que se faça necessário, tal qual buscou argumentar Deleuze, como no apresentar Preciado.

Homossexualidade Molecular ou o gay de Deleuze e Guattari.

Com o lançamento de o anti-Édipo, Deleuze e Guattari se inscrevem em uma dinâmica que ressignifica signos e estabelecem que modos de ser não são exclusividade de um regime ontológico do corpo e de uma identidade, ou seja, um sujeito é capaz de expor-se de novos modos de existência que não estão derivados de uma natureza prescrita qualquer, mesmo que esse modo de existência

não indique qualquer tipo de prática. Neste texto, que Preciado vai analisar no último capítulo do Manifesto Contrassexual, Deleuze e Guattari se declaram como "homossexuais moleculares".

> Somos heterossexuais estatisticamente ou molarmente, mas homossexuais pessoalmente, quer o saibamos ou não, e por fim, transexuados elementarmente, molecularmente"(DELEUZE, GUATTARI, 2010, p. 97).

Para compreender tal afirmação, Preciado vai discutir não o modo segundo tal afirmação pode ressoar como paródica – efeito discutido em parte dos círculos que receberam a afirmação Deleuziana – mas o que pode ser recolocado no conceito que permite que tal afirmação seja não apenas possível como desejável politicamente. Preciado remonta o panorama no qual Deleuze se expos na década de 70 na França, sobretudo sua participação – direta ou indireta – em grupos identitários específicos (como a Frente Homossexual de Ação Revolucionária). Ali, Deleuze não apenas apoia como ratifica as possibilidades que os indivíduos devem perseguir em relação a seus desejos. Contudo, essa participação não é recebida sem ressalvas ou críticas. O jornalista Michel Cressole é um dos perturbados pela posição molecular de Deleuze, sendo um crítico mordaz ao filosofo, pois segundo ele Deleuze e Guattari não poderiam jamais se apresentarem como homossexuais – moleculares ou não – na medida em que tal afirmação não era acompanhada de um conjunto de práticas.

> (...) duvidar da verdade, filosófica e política, de um discurso sobre as drogas, a esquizofrenia ou a homossexualidade que não conhecesse a dependência, a doença mental ou a fecalidade (PRECIADO, 2017, p.175)

Ou seja, segundo Cressole, Deleuze pretende se inscrever num registro de modo distanciado e sem participação ativa, como se para ter a legitimidade de tal inscrição, o sujeito necessariamente precisa operar as práticas e sujeições de tais circuitos de desejo. Para ele, Deleuze quer comungar de um espaço especifico sem sujar suas mãos.

> Quando você observa como caminham as bichas, e quando vocês lhes conta o que vê, elas gostam, acham que de fato é assim, mas quando elas se viram, ingênuas com crianças, para saber quem foi que disse, se "de fato" está aí quem falou, descobrem um senhor correto e simpático, que lamenta publicamente, que não as proíbe de nada, que se dispõe a defende-las, mas a "defender" pelas costas, eternamente protestando contra o sofrimento de serem isso, como se protestasse de boa fé(CRESSOLE, M. Deleuze. Éditions Universitaires, 1973, p..102)

Para Cressole, a homossexualidade de Deleuze é teatro apenas, uma simulação de um modo de existência especifico. Conforme segue nos apresentando Preciado, apenas da ocasião de um congresso realizado em Viena, Ian Buchanan[33] busca responder as críticas de Cressole acerca da afirmação de Deleuze fazendo uso do conceito de "transversalidade", conceito caro a Deleuze.

[33] Filósofo australiano, um dos responsáveis pela recepção de Deleuze internacionalmente em função de suas traduções par ao inglês de suas obras.

Segundo tal conceito, podemos escrever ou pensar fenômenos de forma transversal, sem necessariamente remeter a uma experiencia real, como viajar sem sair do lugar, por meio de fotos, ou modernamente com aparatos tecnológicos mais sofisticados, celulares com câmeras etc. É por meio deste conceito, explica Buchanan, que Deleuze busca afirmar-se "homossexual molecular"; pois Deleuze não remete ao empírico para expressar um fenômeno ou signo, ele está neste gesto apenas afirmando um Devir-homossexual.

> Assim, por exemplo, o "nomadismo abstrato" não só supõe que seja possível viajar sem se mover, como também opõe, à experiencia habitual da viagem, uma prática transversal que se dá exclusivamente em repouso: se você quer viajar de verdade, "é preciso não se mexer demais para não espantar os devires (DELEUZE, 2008, p. 172).

Deleuze pretende, por meio desta transversalidade, ter acesso aos efeitos que determinados grupos possuem empiricamente, sem com isso tomar parte no mesmo. A transversalidade Deleuziana opera sobre o registro de apontar que certos enunciados não são essencializados. Deleuze não está preocupado com afirmações ontológicas, mas de que modo estes enunciados operam desvios.

> O problema da filosofia, dirá Deleuze, não é tanto determinar quem pode pensar ou falar sobre o que, e sim como criar um conjunto de condições que permitiriam a todos e a cada um falar (PRECIADO, 2017 p.179).

Contudo, Preciado insiste na questão, pois para ele as afirmações de Deleuze ainda não seriam suficientes para compreender sua noção de "homossexualidade molecular". Para tal, Preciado vai analisar uma das obras monográficas de Deleuze (Proust e os signos) pois segundo ele, ali mais uma vez Deleuze opera sua "*máquina interpretativa*"[34], que fabrica o próprio objeto de leitura e analise. [35]

Em Proust e os signos, Deleuze vai divergir de recorrente interpretação que visa mostrar que a *Recherche*[36] Proustiana seria uma coleção de descrições mnemônicas dispostas temporalmente, como se memorias fossem acúmulos de experiencias passiveis de serem esquadrinhadas num referencial temporal. Para Deleuze, a *Recherche* não pode ser remontada como memoria pois não possui em sua estrutura um referencial temporal que permitisse medir cronologicamente os fatos; o que o texto produz, segundo Deleuze, é uma diferença de intensidades conforme as descrições se seguem, fazendo com que a própria percepção temporal muitas vezes se sobreponha ou se reconfigure.

---

[34] Ibdem, p. 180.

[35] Comentadores e pesquisadores de Deleuze sempre mostram como Deleuze em seus textos sobre filósofos "cria" uma versão deleuziana dos mesmos, permitindo reinterpretações desde o próprio texto.

[36] Ou Busca, conforme titulo da obra "Em busca do tempo perdido".

> A Recherche de Proust é, para Deleuze, a aprendizagem temporal de decifração de diferentes tipos de signos. É através da atividade concreta de decifração que podemos apreender o tempo: aprender do tempo. (PRECIADO, 2017, p. 181)

Assim, conforme nos aponta Preciado, na *Recherche* Proustiana , segundo Deleuze, os signos precisam ser decifrados em sua mundanidade, ou seja, é na interpretação das representações casuais e banais que o signo se mostra. Para Deleuze, signos como amizade e filosofia seriam estéreis e estúpidos, na medida em que precisam da representação para além de si para expressarem conteúdo. No âmbito da amizade, diz no Deleuze, é preciso boa vontade do outro na interpretação deste signo; já no espaço da filosofia, a boa vontade está expressa na idealização de buscar o verdadeiro.

O próximo ponto de codificação semiótica da *Recherche*, conforme apresenta Preciado, é o amor. Segundo Deleuze, Proust na *Recherche* mostra que se apaixonar é buscar interpretar os signos enviados pelo outro. Amar exige que os participantes recebam e codifiquem os signos de um desejo (paixão) enviado pelo amante. Porém, os signos de tal representação (paixão), quase nunca se manifestam no espaço de uma exclusividade. O amante ama o objeto que estiver disponível para receber seus gestos. Neste sentido, nos diz Preciado,

> A decifração torna-se, assim, decepção e desencanto quando os signos do ser amado excluem o amante. É dessa forma que todo o tempo investido na aprendizagem e na decifração dos signos do outro aparece agora como tempo perdido (PRECIADO, 2017,p.. 182)

Com isso, Deleuze quer nos mostrar que toda operação de decifração semiótica em Proust é um gesto de reconhecimento de um signo que inicialmente visa estabelecer uma relação entre amantes que acaba por gerar o afastamento dos mesmos, na medida em que estes signos não estão sobre um regime de exclusividade, ou seja, o amante ama aquele que estiver disponível para suas ações, não importando que o seja, desde que alguém esteja lá para receber o gesto. É nesse sentido que Preciado vai nos dizer que *"começa a primeira repetição serial do amor como interpretação de signos"*(PRECIADO, 2017. P. 183). Dentro desta perspectiva, se está sempre buscando uma monogamia heterossexual seriada, que só pode ser seriada na medida em que não se consuma de forma definitiva. Dentro deste espaço de operação dos signos, o outro nunca pode buscar um intermédio pelo qual poderia medir sua diferença (como um outro homem, por exemplo) porque os signos apenas se dirigem, sem objeto definido previamente. Assim, Preciado vai nos dizer que em Proust, segundo Deleuze,

> O aprofundamento dos signos, que começa com o primeiro ataque de ciúmes, atinge seu ponto de inflexão quando o amante reconhece que está excluído do mundo dos signos da amada, não de modo acidental, e sim estrutural, já que os signos que a amada produz não está dirigidos a outro homem (com o qual o amante poderia se medir e competir) mas a outra mulher(*Apud* PRECIADO, 2017 p. 183).

Para Preciado, o amor na *Recherche* é um campo de trocas semióticas que resultam em divergências e convergências, na figura masculina para com a feminina, e na figura masculina para masculina (ou feminina para com a feminina). Portanto, os referencias antes definidos por Deleuze – o amor e a filosofia – operam sobre uma violência, elas carregam as intensidades produtivas de signos homossexuais (o verdadeiro amor é do mesmo pelo outro, conforme nos diz Platão), mas no registro do vivencial, ele atua contra ele mesmo, se inflexionando. O escopo que Deleuze quer nos apresentar é de que o amor verdadeiro se encontra na homossexualidade, o que as culturas e tradições fizeram foi ressignificar este signo fundando uma heteronormatividade, que historicamente se pressupõe fora das discussões de gênero como a verdade do sexo.

A homossexualidade para Deleuze é, portanto, um gesto não de representação de um signo real, mas de um signo que está oculto, subscrito numa historicidade que lhe origina. Por isso Deleuze vai distinguir molar de molecular. No conceito de molar compreendemos aquilo que está prescrito, definido, ou seja, o signo referenciado; ao contrário que molecular diz respeito a esse deslocamento, ao Devir como modo de apresentação de um signo.

Preciado então vai concluir que toda semiótica da homossexualidade e da heterossexualidade são frutos de um complexo de dispositivos reguladores e disciplinadores, que visam instaurar uma verdade do sexo, mesmo que ela não esteja lá. O que Deleuze propõe ao fim com a homossexualidade molecular é uma saída da castradora dimensão semiótica da identidade estabilizada e assegurada ontologicamente, ou seja, como podemos ter experiencias que nos escapam a necessidade de um referencial real, podemos, sem fazer uso factual dos corpos, buscar uma homossexualidade que não carregue a carga de pertencer a um gueto ou a uma prática, mas a um devir-gênero, que viabiliza participar e mesmo comungar das discussões políticas em torno do sexo, por exemplo.

Em Preciado a corporalidade se complexifica em função da oferta cada vez mais ampla de tecnologias que permitem pensar o gênero como algo fluido e ressignificaste. Dentro desta perspectiva, o gênero escapa aos ditames do binarismo e torna-se uma máquina construída social e politicamente. Com Preciado a representação macho/fêmea sofre um curto circuito e amplia seu leque de possibilidades.

Experiências de Transsexualidade.

Publicado em 2008 na Espanha, Texto Junkie – Testo Yonqui, no original – é um trabalho filosófico e autobiográfico no qual Preciado provoca com curto circuito nas concepções essencialistas de gênero, empreendendo uma criação conceitual-empírica, a partir da autoregulação de testosterona durante 236 dias e noites. Descrito por ele como uma ficção

política, Testo Junkie não se reduz a um texto biográfico, mas a uma construção discursiva diretamente sobre o corpo. Traçado com a habilidade magistral de perfilar fina erudição filosófica com virulenta descrição pornográfica, Preciado produz um texto relatando uma experimentação bioquímica desconstruindo as teorias de sexo-gênero desde seu corpo.

Considerando as concepções de gênero performativo de Butler e produção discursiva dos sexos de Foucault, Preciado apresenta o panorama segundo o qual todo corpo é criado, regulado e subjugado no aparato de controle do sistema capitalista moderno.

O processo de autoadministração de testosterona seguido por Preciado foi praticado fora de qualquer regulação médico institucional; o Termogel – composto médico a base de testosterona usado por Preciado – é uma droga regulamentada pelos sistemas de saúde, seu uso é administrado pelo Estado, e conforme nos relata, Preciado não buscou esta via pois colocaria seu corpo e gênero novamente sobre a regulação saber/poder do Estado, os casos de transexualiazação efetivados pelo governo devem passar por um comitê médico e jurídico, que determina as condições efetivas ou não para o processo de transição, neste procedimento, a figura do Estado é o regulador que as ultimas consequências estabelece o gênero do indivíduo. Testo Junkie descreve uma ação política; o autor aponta os modos de construitivismo de gênero e somatopoliticamente se aparta do sistema binário descritivo.

> Não tomo testosterona para me transformar num homem, nem sequer para transexualizar meu corpo. Tomo simplesmente para frustrar o que a sociedade fez de mim, para escrever, para trepar, para sentir uma forma pós-pornográfica de prazer, acrescentar uma prótese molecular à minha identidade transgênero low-tech feita de dildos, textos e imagens em movimento, para vingar sua morte.(PRECIADO, 2018, p. 18).

Segundo Preciado, após a Segunda Guerra Mundial o capitalismo produz novas tecnologias de produção farmacêutica e novos modelos políticos regulam a economia do sexo; a contracepção, cultura pornográfica, cirurgias cosméticas e sexuais (vulvoplastias e faloplastias), remédios para disfunção erétil (Viagra) entre outros dispositivos atualizam os discursos sobre gênero, sexualidade e identidade sexual. A isso formulou ou conceito de farmacopornográfico – a economia política do sexo no sistema capitalista, no interior de epistemologias médicas e psicológicas.

> O termo se refere aos processos de governo biomolecular (fármaco-) e semiótico-técnico (-pornô) da subjetividade sexual, dos quais a Pílula e a Playboy são dois resultados paradigmáticos (PRECIADO, 2018, p.36).

O sujeito na sociedade farmacopornográfica é constituído segundo o uso de tecnologias (substancias, prostéticos) cada vez mais reguladores. Como deve ser o corpo de desejo, que configurações deve assumir; toda essa tecnologia de gênero limita a liberdade

efetiva dos sujeitos de prazer, direcionado pelos produtos e aparatos determinados pela indústria capitalista.

A era farmacopornográfica constrói corpos sexuados por meio de regimes de regulação cada vez mais velozes, modificando o sujeito metabolicamente. O aspecto "junkie" apresentado por Preciado diz respeito as formas de desejo da era farmacopornográfica, aonde o consumo de substancias de controle (método contraceptivo, remédio para impotência) delimitam o modo heteronormativo da vida social. O sujeito no capitalismo pornográfico é capturado para modos de desejo criados pelo sistema, que configuram, mapeiam e determinam como esses desejos devem operar.

> O sucesso da indústria tecnocientífica contemporânea consiste em transformar nossa depressão em Prozac, nossa masculinidade em testosterona, nossa ereção em Viagra, nossa fertilidade ou esterilidade em Pílula, nossa Aids em triterapia, sem que seja possível saber quem vem primeiro: a depressão ou o Prozac, o Viagra ou a ereção, a testosterona ou a masculinidade, a Pílula ou a maternidade, a triterapia ou a Aids. Este feedback performativo é um dos mecanismos do regime farmacopornográfico(PRECIADO, 2018, p.37).

Testo Junkie apresenta um modo de construção de gênero produzida como uma arquitetura subjetiva e virtual. A medicalização, os filmes, as revistas, todos são mecanismos indutores de ações de desejo – seja na masturbação ou nas relações sexuais; o funcionamento aqui visa uma maximização da produção de desejo. Conforme Preciado, "o biocapitalismo farmacopornográfico não produz coisas, e sim ideias variáveis, órgãos vivos, símbolos, desejos, reações químicas e condições da alma" (PRECIADO, 2018, p. 38).

Tal qual na economia política do capitalismo, esses dispositivos farmacopornográficos atuam de modo global, exigindo dos sujeitos toda sua atenção e poder de ação, o que Preciado vai chamar de potentia gaudendi, que se transforma no próprio regime de trabalho farmacopornográfico.

> Defino a noção de potentia gaudendi, ou "força orgasmática", como a potência (presencial ou virtual) de excitação (total) de um corpo. [...] A potentia gaudendi reúne ao mesmo tempo todas as forças somáticas e psíquicas, e reivindica todos os recursos bioquímicos e estruturas da mente (PRECIADO, 2018, p. 44-45).

Neste modo de regulação, o sexo-gênero produz um tipo especifico de gozo, determinando o indivíduo por meio de recursos bioquímicos, em conjunto com as suas estruturas mentais. Por meio deste processo, a heteronormatividade capta a potentia gaudendi e distribui em práticas autorregulatórias, tornando o corpo humano um regime de sexualidade heteronormativo que funciona sobre uma tecnologia de procriação politicamente assistida. (PRECIADO,2018, p. 47).

O regime farmacopornográfico se concentra em especial nas indústrias farmacêuticas e audiovisuais, mas não se reduzem a isso. O mercado sexual da prostituição configura mais uma peça nesse complexo regime de desejo determinado. No caso da indústria farmacêutica, Pílulas, Viagras, acabam por se instaurar nos modos de produção de desejo, num paroxismo teleológico no qual o prazer não prescreve a medicação, mas seu contrário. A indústria audiovisual com seu lucrativo mercado de distribuição de pornografia também reconfigura os caminhos do desejo, agora o indivíduo quer aquilo que a ilusão mimética lhe oferece, seja como agente passivo, seja como agente participativo. Na era farmacopornográfica, o gênero não pode mais ser apenas descrito somente como produção cultural e social que determina o gênero a revelia da base anatômico biológica descrita pelos discursos médicos. O gênero farmacopornográfico toma as práticas sexuais elas mesmas como o modo de produção do gênero, com suas multiplicidades configurativas e subversivas; o que Preciado apresenta com a concepção de tecnogênero.

No capítulo em que aborda tal conceito, Preciado demonstra como historicamente o gênero foi delimitado segundo epistemologias especificas de contextos muito particulares. O psicólogo John Money, em 1955, tratava de crianças intersexuais e hermafroditas aos quais determinava gramatica e conceitualmente por "gênero", como ferramenta de diagnóstico e analise clínica. Segundo Money estabeleceu, gênero serviria para definir o "papel social", a "identidade psicológica" de um indivíduo; para poder servir de guia para todo tipo de análise médica que neste contexto considerava apenas aspectos visuais e anatômicos como determinantes da sexualidade da criança.

> Enquanto Money adultera o corpo de bebês para encaixá-los a força em categorias de "gênero masculino" ou "gênero feminino", o Dr. Henry Benjamin administra estrogênios e progesterona a um novo tipo de paciente do sistema publico de saúde: um adulto que diz não se identificar com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento. [...] os critérios de atribuição de sexo que permitem decidir se um corpo é "feminino" ou "masculino" na hora do nascimento (ou ainda dentro do útero, utilizando ultrassonografia) dependem de um modelo de reconhecimento visual que se pretende empírico e em que os significantes (cromossomos, tamanho dos genitais etc.) se apresentam como verdades cientificas (PRECIADO, 2018, p.111).

A questão colocada por Preciado remonta ainda a outros problemas ligados a epistemologia heteronormativa dentro do panorama especifico no qual tais modelos de regulação foram impostos; o homem da década de 50 não possui mais nenhuma espécie de garantia de fecundidade para com a mulher, com a utilização da Pílula a função normativa do homem colapsa; a alimentação provida aos infantes não é mais administrada pela mulher – o leite agora é fornecido pela indústria alimentícia, também afetando o papel normativo da

mulher. O regime heteronormativo determinado pela distinção portador de esperma ou óvulo agora fica defasado em relação aos novos modos de produção somatopolíticos.

Conforme segue descrevendo os operadores da década de 50, Preciado ressalta que as demarcações semióticas e políticas ao invés de introduzirem novos aparatos epistêmicos que incorporassem a multiplicidade de gênero, seu oposto foi feito, uma radical intervenção nos indivíduos por meio de manipulação médica – técnicas cirúrgicas, hormonoterapia, e medicações – que visavam atribuir determinantemente o que ele descreve como dimorfismo sexual, a separação entre sexos com a clareza visual de uma distinção de gênero (PRECIADO, 2018, p. 115).

As correntes feministas – em especial as identificadas como de 2° onda; mulheres brancas e de classe média – não buscaram orientar suas práticas políticas considerando as implicações medicas e biotecnológicas da construção de gênero, nos indica Preciado. O movimento supracitado reafirma uma concepção de gênero definido por expressões culturais e sociais como modo de afirmar a diferenciação sexual e a opressão contra a mulher. Por outro lado, existem assim correntes que mantem a diferenciação anatômica como modelo de determinação de gênero, colocando assim todo debate dos movimentos feministas sobre a falsa querela entre essencialismo/construtivismo. De acordo com Preciado, os movimentos feministas se furtaram a criticar e enfrentar modelos diagnósticos, protocolos de reatribuição de corpos intersexuais, tecnologias cirúrgicas e regimes binários nos aparelhos institucionais; este descaso estaria ligado a uma manutenção do regime de identificação feminino.

> "Intersexuais tem tido muita dificuldade em conseguir apoio do feminismo dominante não apenas pelas estruturas racistas e coloniais que situam a clitoridectomia [circuncisão feminina] como uma prática estrangeira a sujeitos adequados dentro do primeiro mundo, mas também porque a intersexualidade mina a estabilidade da categoria mulher." (PRECIADO, ANO, p.; cnf. CHASE, ANO, p. 117)

Os movimentos *Queer* surgem como alternativa mais ampla as reivindicações dos corpos transexuais e intersexuais, instaurando uma crítica aos modelos de gênero utilizados no contexto do movimento feminista. Segundo Teresa de Lauretis e Judith Butler37, os movimentos feministas da chamada segunda onda compartilhavam da estrutura epistemológica sexo-gênero que buscavam criticar. Ainda para Lauretis, o feminismo enquanto movimento político precisa para seu funcionamento articular a sua própria autocritica. Se continua operacionalizando seu funcionamento a atribuição de uma identidade universal – no caso a feminina – exclui diversas multiplicidades e outras agendas.

[37] Cnf. Preciado,P, Testo Junkie, 2018, N-1 edições, pg. 117.

> "[...] o feminismo funciona, ou pode funcionar, como um instrumento de normatização e de controle político se reduzir seu sujeito às "mulheres". Sob a aparente neutralidade e universalidade do termo "mulher", esconde-se uma multiplicidade de vetores de produção de subjetividade: sexo, raça, classe, sexualidade, idade, capacidade, diferenças geopolíticas e corporais etc". (PRECIADO, 2018, p. 118)

No aparato conceitual proposto por Lauretis, as tecnologias de gênero funcionam como máquinas de representação – texto, imagem e corporalidade são dispersas no interior de circuitos cibernéticos expansivos. O sujeito é o ao mesmo tempo produtor e interprete de signos dispersos nos mais diferentes meios. De Lauretis vai substituir uma concepção de "mulher", essencializada, naturalizada, por uma identidade formada no "gênero", múltiplo em relação ao meio no qual essa identidade é formada. As tecnologias de gênero transformam não apenas simbolicamente, mas factualmente. Tal perspectiva remodela completamente toda leitura de um feminismo essencializado ou culturalmente construído, apresentando uma leitura política que revela os diversos mecanismos que produzem corpos epistemologicamente, não apenas para desvelar diferenças no gênero, mas também diferenças sexuais, de classe, raça etc.

Preciado também apresenta a interpretação epistemológica proposta por Judith Butler, crítica aguda de toda epistemologia construída sobre o regime gênero-sexo. Butler nos apresenta um conceito de gênero fundando em um "sistema de regras, convenções, normas sociais e práticas institucionais que produzem performativamente o sujeito que pretende descrever". (PRECIADO, 2018. p. 121).

Na interpretação Butleriana, o gênero não é mais interpretado como essência/natureza, ou um dado psicológico, mas como uma prática discursiva, corporal e performativa, que apresenta inteligibilidade social e política ao indivíduo[38].

A formação da noção de gênero conforme desenvolvido por Money na década de 50 cria um sistema semiótico em que o corpo é um dos parâmetros utilizados neste aparecimento do gênero. A fotografia desenvolvida ao longo do século XIX foi utilizada com frequência para estabelecer como aparecia esse "corpo" para o registro médico. Enquanto as terapias hormonais e cirurgias ainda não se encontravam aperfeiçoadas suficientemente, a fotografia ganha o status de instrumento principal na regulação e normatização desse novo corpo sexual e sua verdade do sexo. Preciado descreve como essa prática de visualidade coloca seu operador como o regime de poder na produção da subjetividade sexual. Na sessão o rosto e grande parte do corpo do paciente não ficam a mostra, o médico controla todo espaço

[38] Conforme seção 2.1da pesquisa.

de amostragem desse corpo, deixando visível ou escondendo a genitália, controlando quando e como é representado. “A verdade do sexo adquire aqui o caráter de uma revelação visual, processo em que a fotografia participa como catalisador ontológico, explicitando uma realidade que não poderia surgir de outro modo” (PRECIADO, 2018, p. 122).

Contudo após a Segunda Guerra Mundial os processos de normatização que antes eram delimitados discursivamente ou pelo registro visual agora também podiam ser operacionalizados diretamente no corpo do indivíduo com as técnicas cirúrgicas e as medicalizações. Diversos modelos de produção corporal foram aplicados historicamente, explicita Preciado - como sistemas matriarcais ou a pedofilia grega – que duraram enquanto os sistemas de tecnoecologias politicas estivessem vigentes. Preciado ressalta que o modelo de gênero expõe uma arbitrariedade no discurso médico, ao mesmo tempo em que permite o espaço para novas resistências políticas (PRECIADO, 2018). No momento o corpo representado pelo regime farmacopornográfico ganha potência e força política pois este corpo não existe somente, de forma passiva. Ele é um corpo produzido por tecnologias conforme o indivíduo deseja, por meios textuais, bioquímicos etc. Como referência aos modelos de criação de representações de gênero, Preciado expõe o modo pelo qual o século XIX interpretava a produção de pelos pelo corpo e diferença a como nossa era farmacopornográfica o faz. O regime disciplinador do século XIX definia a mulher com muitos pelos faciais – a chamada “mulher barbada” – como uma anomalia monstruosa, que só poderia ser aceita socialmente em espaços de exposição de uma excentricidade, como no circo, ou um show de aberrações itinerante. Da perspectiva da farmacopornografia, a produção de pelos – o hirsutismo – é classificado como condição médica, criando todo um quadro epistêmico e um complexo de fármacos industriais que poderiam ser administrados para redução de testosterona que levaria a eliminação da produção de pelos nesse corpo; função essa que segundo Preciado não era apenas hormonal clínica, mas também político e normativa. Na década de 60 foi criado um sistema de referencialidade para medir o hirsutismo pelas partes do corpo. O sistema Ferriman-Gallwey pontuava considerando gênero, etnia e tipo de pelo; uma mulher caucasiana neste modelo por exemplo, receberia uma pontuação de valor 8 (oito) como indicação de alto nível de androgênio, mas nas mulheres do leste asiático e nativas norte americanas, a pontuação atribuída sobre as mesmas condições seria menor. O que se encontra em jogo aqui é uma tecnologia de produção somatopolítica visual, que regula diferentes etnias e cria objetos de regulação bioquímica em centros estéticos e salões de beleza. O corpo farmacopornográfico é produzido não apenas no visual, mas geneticamente, estabelecendo o que é permitido socialmente e o que é desviante, logo, não aceito.

Um dos exemplos apresentados por Preciado é a cirurgia de rinoplastia (operação nasal), procedimento tão corriqueiro, mas que se apresenta como cirurgia de correção estética, ao oposto em que cirurgias de vaginoplastia ou faloplastia – construções cirúrgicas de vagina ou pênis – que são consideradas ainda cirurgias de modificação de sexo. A diferença aqui não se encontra apenas nas nomenclaturas epistemológicas dos procedimentos médicos, mas no modo como o acesso a tais procedimentos é regulado. Uma modificação estética como a rinoplastia é objeto de comercialização, e de total controle do indivíduo enquanto os procedimentos que mudam as estruturas dos genitais são regulados pelo Estado, o corpo aqui não é objeto de comercialização, mas de regulação de modos de existência desviantes. Este inclusive é o motivo apresentado por Preciado para não operar sua transição pelos meios legais; para ele seu corpo deve escapar as regulações normativas institucionais, a ponto de mesmo sofrendo as alterações físicas por meio da medicação, não se reconhece em absoluto como homem trans, não pelos meios que seria reconhecido social e institucionalmente. Preciado administra testosterona de forma autônoma como modo de regular que corpo está sendo produzido, e por quem.

> O gênero farmacopornográfico não é metáfora ou ideologia; não pode ser reduzido a uma performance: é uma forma de tecnoecologia política. A certeza de ser homem ou mulher é uma biofícção somatopolítica produzida por um conjunto de tecnologias do corpo, técnicas farmacológicas e audiovisuais que determinam e definem o alcance das nossas potencialidades somáticas e funcionam como próteses de subjetivação(PRECIADO, 2018, p.127).

O regime farmacopornográfico produz gêneros biopolíticos; esses corpos aparecem em movimento, de modo digital, farmacológico. É um corpo somatodiscursivo de caráter coletivo (PRECIADO, 2018), que se apresenta aos sistemas semióticos científicos e sociais.

A sociedade ocidental contemporânea funciona como um gigantesco laboratório sexopolítico aonde os gêneros vão sendo produzidos. Homens e mulheres do pós-guerra são viventes biotecnológicos de um regime sexopolítico com a função de reprodução e expansão da vida humana heterossexual.

> A heterossexualidade feminina branca é, antes de tudo, um conceito econômico que designa uma posição especifica no centro das relações biopolíticas de produção e de troca baseada na transformação do trabalho sexual, do trabalho de gestação, do cuidado dos corpos e outras atividades não remuneradas no capitalismo industrial (PRECIADO, 2018, p.132).

A heteronormatividade é o objeto construído dentro de um regime capitalista complexo. Porém num regime farmacopornográfico, ele é um signo fadado ao desaparecimento. Este diagnóstico apresentado por Preciado não expõe a falência das relações sexuais entre homens cis e mulheres cis, por exemplo. O que Preciado descreve aqui são os novos modos de produção

de subjetividades sexuais tecnopolíticas. Os corpos estarão todos sujeitos as tecnologias moleculares que antes só agiam sobre grupos específicos – intersexuais por exemplo – na forma da Pílula contraceptiva, os remédios para disfunção erétil, os aparatos sexuais comercializados, a pornografia enquanto produto de comercialização e participação na vida sexual.

O regime farmacopornográfico muda toda ótica e política do mundo contemporâneo. Ainda que possuindo características divergentes – a pornografia mantém o sistema dimórfico de sexualidade nas representações normativas da relação heterossexual e homossexual, estabelecendo o modo como essas relações devem ocorrer – e o regime farmacológico, que por meio de seu suporte bioquímico legalizado redesenha as fronteiras dos gêneros sexuais, por meio das cirurgias de intersexo, concepção assistida etc. definindo novos modos de existência. No espaço dialético da farmacopornografia, os novos modos de existir e agir sexualmente criam multiplicidades que escapam as circunscrições definidoras como feminina, masculina, heterossexual ou homossexual. O exemplo apresentado por Preciado são as famílias que buscam fertilização em vitro, em que o sêmen do doador é fornecido de forma anônima; aqui o caráter de filiação identitária masculina não é questionado ou problematizado. Os códigos criados bioquimicamente também produzem multiplicidades subjetivas – Viagra, testosterona, uma estética do corpo gay, uso de aparatos sintéticos etc. - geram novas formas de expressão desnaturalizadas e livres de qualquer identidade pré-determinada ou subjetividade biopolítica restrita.

Todo aparato tecnopolítico agora transforma signos antes fundacionais, em ficções políticas operativas. Assim, categorias como “cis” ou “trans” passam a serem construtos farmacopornográficos, o regime ontopolítico é um regime criado pelo tecnogênero. As categorias são construções destes regimes sem nenhuma espécie de valor de juízo pré-estabelecido. A farmacopornografia desloca o papel ontológico atribuído a uma natureza (determinado por certos códigos, normas etc) para o objeto bioquímico e a vontade individualizada.

> O gênero no século XXI funciona como um mecanismo abstrato para subjetivação técnica, ele é conectado, cortado, deslocado, citado, imitado, engolido, injetado, transplantado, digitalizado, copiado, concebido como design, comprado, vendido, modificado, hipotecado, transferido, baixado na internet, aplicado, traduzido, falsificado, fabricado, trocado, dosado, administrado, extraído, contraído, ocultado, negado, renunciado, traído... Ele transmuta (PRECIADO, 2018.p.139).

O modo de existência político ideal neste regime, segundo aposta Preciado, é permitir que os acessos aos critérios desses operadores (cirurgias, testosterona, medicação, prótese etc)

sejam livres, que todo sujeito da farmacopornografia possa por sua própria deliberação receber, administrar, controlar e interpretar esses diferentes modelos.

2.4 Spivak e sua força de resistência decolonial.

Gayatri Chakravorty Spivak é uma teórica literária, crítica feminista e professora de Literatura Comparada e Sociedade na Columbia University, em Nova York, e uma das mais influentes intelectuais pós-coloniais.

Em seu ensaio "*Pode o subalterno falar*"?[39] publicado originalmente em 1985. Um texto que possui um caráter filosófico e antropológico denso, parte de uma crítica aos intelectuais ocidentais para refletir sobre a prática discursiva do intelectual pós-colonial e sobre a possibilidade de agenciamento do sujeito subalterno. Spivak critica particularmente Deleuze e Foucault – tomando como base seu diálogo em *"Os intelectuais e o poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze"*, para apontar a condição etnocêntrica intrínseca à intelectualidade ocidental quando busca falar por ou sobre a alteridade, sobre a própria falta de espaço para falar – não a falta de uma voz propriamente dita –, ocupável pelo subalterno. Em especial a mulher subalterna, que é duplamente silenciada:

> Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade (SPIVAK, 2010, p.90).

Posicionando-se contra um certo tipo de posicionamento político dos intelectuais, Spivak conclama para si e para os demais intelectuais pós-coloniais, a responsabilidade, de combater a subalternidade. No seu entender, o intelectual não precisa falar em nome do outro, mas criar mecanismos para que o subalterno se articule e seja ouvido. O sujeito subalterno na definição de Spivak é aquele pertencente "às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante" (SPIVAK 2010).

Avançando no tema, e tendo como pano de fundo a história de uma viúva, duplamente impedida de se auto-representar, primeiro por ser mulher e segundo por sua condição de viuvez, a autora sustenta que esta situação de marginalidade do subalterno é mais arduamente imposta ao gênero feminino, posto que a "mulher como subalterna, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir"(SPIVAK, 2010, p.????).

[39] SPIVAK, G C. Pode o subalterno falar, Editora Ufmg, Belo Horizonte, 2010.

Spivak imprime um caráter transdiciplinar servindo-se de temas de cunho filosófico, literário, histórico e cultural, retomando posições de Foucault, Deleuze, Derrida entre outros. De Foucault e Deleuze, a autora vai criticar a postura distanciada das questões ideológicas e suas implicações na história, economia e circuito intelectual, enquanto que de Derrida, ela vê como positivo seu envolvimento mais direto nos assuntos políticos e as críticas ao risco de apropriar-se do Outro por assimilação. (SPIVAK, 2010)

O trabalho de Spivak dialoga diretamente com essa posição que buscamos entender, se é possível um homem falar do e com o feminismo. Dentro da perspectiva Spivakiana, somente uma participação que ajudasse os atores principais desse palco a serem ouvidos com maior preeminência.

3. PERSPECTIVAS EPISTÊMICAS FAVORÁVEIS E CONTRARIAS

Considerando o modo percorrido no trabalho na apresentação das diversas posições epistemológicas acerca da formação da noção conceitual de identidade, iremos agora pontuar como os referidos autores que norteiam o texto (Foucault, Butler e Preciado) vão sendo articulados, de forma gregária ou não, dentro dos estudos femininos.

3.1 Feminismo e subjetividade em Foucault

Dentro da constelação de autores(as) do qual se servem as feministas, o nome de Foucault emerge segundo as mais variadas facetas, seja para servir-se de seu ferramental conceitual, seja para criticar suas posições epistemológicas que – numa leitura pouco aprofundada e crítica – posicionam o sujeito do feminino como irreal e ficcional. O debate acerca da utilidade ou não do aparato Foucaultiano está amparada no debate entre a compatibilidade de uma abordagem pós-moderna em relação a uma política emancipatória(MCLAREN, 2016). Segundo uma certa abordagem feminista, o fato de que Foucault critica a noção de universalidade identitária não colabora para o processo de emancipação da mulher, na medida em que não promove a identidade feminina como sendo válida e destacada.

Para essa interpretação, que configura ainda Foucault como um pós-estruturalista, suas posições epistemológicas não permitem uma postura politica ativa e funcional, algumas intelectuais feministas como Barbara Epstein consideram que "*as hipóteses fundamentais do pós-estruturalismo são conflitantes com as suposições necessárias às políticas radicais*" (Mclaren, 2016). De modo mais geral, críticas feministas receiam que a rejeição de Foucault às normas enfraqueça a possibilidade do feminismo como um movimento político emancipatório; tal rejeição combinada a uma interpretação acerca da verdade e do conhecimento produzidas dentro de relações de poder, leva seus detratores a acusarem Foucault de possuir uma postura relativista e niilista, que dentro dessa perspectiva não ajudariam a tomada de uma posição politica ativa.

Em contrapartida, feministas pró-Foucault consideram seu anti-humanismo, sua rejeição a metanarrativas e normas universais como passos necessários em direção a politicas de diversidade e inclusão (Mclaren,2016).

Mesmo que diferentes abordagens feministas sejam levadas a cabo com o arcabouço foucaultiano, é preciso sempre lembrar que o ponto primordial a ser considerado sempre é a superação da subordinação da mulher, independente das vertentes divergentes, o feminismo é um movimento social e político devotado à superação da subordinação da mulher, realizando transformações no *locus* social desse grupo. Outro ponto importante á ser colocado dentro das pautas feministas é a necessidade de que teoria e prática sejam levadas a cabo, e a teoria precisa ser relevante para a experiência.

Críticas mais acirradas repreendem a obra foucaultiana em particular no aspecto do poder e sua concepção da subjetividade. Alegam que a falta de universalidade no discurso foucaultiano inviabiliza uma ação politica em termos concretos. As críticas moderadas consideram alguns aspectos relevantes, como o uso dos conceitos de biopolítica de Foucault, que permitem discutir o controle e a opressão do corpo feminino, e por fim as feministas engajadas no pensamento foucaultiano, que se servem de seu aparato conceitual para ampliar o debate numa direção que afaste as identidades de estruturas determinadas controláveis e sujeitáveis.

Posto nestes termos, a concepção foucaultiana de normas sociais articula uma importante estrutura mediadora entre identidade individual e instituições sociais.

> Essa ligação entre a identidade individual e as intuições sociais significa que a transformação de si não é simplesmente um objetivo pessoal, mas deve envolver mudanças na estrutura social e política (MCLAREN, 2016.p.29).

Alguns eixos que ajudam a nortear como o aparato conceitual de Foucault pode ou não ser gregário ou ineficiente pode ser arranjado do seguinte modo:

1) recursos para mudanças politicas e sociais para pôr fim à subordinação da mulher;
2) relação direta entre teoria e prática;
3) relevância e experiência para o debate;
4) acessibilidade.

Primeiramente, iremos dispor da posição crítica a Foucault, para seguirmos na direção favorável, como modo de realizar um balanço de sua pertinência.

Para grande parte dos críticos de Foucault, sua obra genealógica demonstra escassez de recursos para uma politica feminista, em especial em obras como Vigiar e Punir e A História da Sexualidade Vol.1, para esses, a teoria do poder de Foucault resulta em um sujeito determinado por forças sociais além de seu controle, ou seja, em uma escala macro, somos

determinados por forças que não temos como reagir, estaríamos sujeitos a elas, portanto, impedidos de uma reação, como seria possível uma postura crítica?(Mclaren,2016).

Autoras como Nancy Fraser aponta que a ausência de uma estrutura normativa em Foucault acarreta em problemas para o debate feminista, que se apoia em normas sociais como autonomia, direitos e liberdade. Autoras como Nancy Hartsock irão numa direção mais direta em sua crítica, alegando que Foucault estaria sempre se articulando da posição do dominador ou do colonizador, e que Foucault estaria sempre falando de resistência as relações de poder, mas nunca em sua subversão. (Mclaren, 2016). Segundo Mclaren[40], isto derivaria de uma leitura incorreta da noção foucaultiana de poder, para ela "A ideia de que alguém pode ir além da resistência para capturar ou derrotar o pode reinvoca a noção liberal de poder como emanante de um estado ou mantido por indivíduos" (Mclaren,2016, p.????), ignorando a especificidade cultural e histórica da crítica que Foucault faz ao marxismo. Hartsock, segundo Mclaren, parece desconsiderar que a noção de poder foucaultiana não resulta em simples determinismo, mas permite levantar as assimetrias sistemáticas inerentes a dinâmica do poder. O temor de Hartsock pode ser sintetizado na dúvida levantada pela questão, se Foucault é um antifundacionalista, a que tipo de justificação ele pode recorrer?

Numa direção menos resistente, e mais elaborada, Fraser no artigo *"Michel Foucault: um jovem conservador?"* aponta para uma abordagem original da crítica social empreendida por Foucault. No artigo, Fraser recoloca a crítica habermasiana a Foucault, segundo a qual Foucault rejeitaria a modernidade, colocando-o num espaço paradoxal e politicamente suspeito. Paradoxalmente suspeito por se apoiar nas categorias que rejeita, como o humanismo, e politicamente suspeito por não oferecer alternativas sociais reais. Segundo Fraser, Habermas falhou em compreender o tipo de rejeição que Foucault possuía acerca do humanismo, Fraser demonstra que Foucault rejeita o humanismo em termos filosóficos, como não aceitar a herança do dualismo cartesiano, que ao invés de ampliar a liberdade, sujeitou ainda mais os indivíduos ao controle social por meio de disciplina e da normalização. (Mclaren,2016).

Em grande medida as recusas a Foucault se originam de uma compreensão equivocada de sua compreensão de poder. Para os críticos, Foucault não oferece uma teoria do poder, com isso tornando se não inviável, epistemologicamente confuso elaborar um quadro esquemático que permita elaborar ações políticas.

Contudo, Foucault vai na contramão de uma percepção do conceito de poder tradicional, que concebe o mesmo como negativo, repressor e limitador, para ele, isso seria o

[40] MCLAREN, M. Foucault, feminismo e subjetividade. Intermeios, São Paulo, 2016

modelo de poder jurídico-discursivo. Nesse modelo, o poder vem de cima, de uma figura representada no líder ou no soberano, por exemplo, e teria como características uma relação negativa, a insistência em regras formais, instaurar ciclos proibitivos, estabelecer uma norma lógica da censura e uma uniformidade do aparato conceitual. Ao contrário, Foucault vai pensar o poder como uma força que está em toda parte, e não de forma concentrada e unívoca. O poder é móvel, heterógeno e instável. *"O poder está em toda parte; não porque envolve tudo, mas porque vem de todo lugar"* (Cf. Mclaren, 2016, p. ????).

Para as feministas que consideram razoável a postura foucaultiana em relação a noção de verdade, seu ceticismo ajuda a construir maiores campos de possibilidade. Para Foucault o ponto mais significativo a ser debatido não é a garantia da verdade ou a ineficácia da falsidade, mas sim as condições segundo a qual tais valores emergem. Por isso muitos comentadores, incluindo o próprio Foucault, irão dizer que ele se insere na tradição crítica kantiana. Desta posição, o importante é buscar as condições sob as quais tal conhecimento é possível e os critérios para o estabelecimento de verdades. Foucault se serve da perspectiva critica kantiana para questionar não os limites do conhecimento ou mesmo suas estruturas universais, ao invés disso, preocupa-se com as formas dos discursos específicos que moldam ou estruturam nossa subjetividade. (Mclaren,2016).

O uso de Foucault dentro do campo de ação politica do feminismo permite um gesto de recusa a certas normatizações, como o papel social da mulher, pré-determinado e subalterno, considerando sua postura de recusa a todo universal a priori. Diferentemente do que alegam as feministas críticas de Foucault, a questão não é abolir as identidades, mas entender que sendo apenas aparatos discursivos para nossa relação social, como uma peça de um jogo, a identidade pode ser usada a vontade como uma roupa que usamos para nos cobrir.

3.2 A diferença sexual e a epistemologia mutante de Preciado

Em 17 de novembro de 2019, convite da Escola da Causa Freudiana, em Paris, Paul B. Preciado mobilizou muitos psicanalistas com a sua intervenção. A temática do evento, "mulheres em psicanálise", reforça a atribuição de um caráter enigmático às mulheres, situando-as como objeto "exótico" a ser investigado (Carvalheiro, Pombo e Triska, 2022). A comunicação de Preciado, de tom crítico e deliberadamente provocativo, propagou-se com rapidez pelas redes sociais, sendo traduzida para diversos idiomas e amplamente divulgada.

Tendo se passado seis meses da conferência, publicado então como livro *"Je suis un monstre qui vous parle"* (publicado recentemente no Brasil Eu sou o monstro que vos fala, Zahar, 2020). Trata-se do texto completo da intervenção, escrito em primeira pessoa, tornado público porque, em Paris, na ocasião, Preciado só pôde dizer uma pequena parte do que havia preparado.

Ainda que Preciado tenha apontado críticas incisivas sobre o modo de operação da psicanalise Freudiana, esse debate já se colocava dentro dos circuitos acadêmicos, como nos campos da antropologia, nas teorias feministas e mais atualmente nos discursos de gênero. O ponto discutido em especifico é: o viés eminentemente heteronormativo e falocêntrico da teoria psicanalítica e conjuntura com as tendências universalizastes e abstratas que expõe como modelo a-histórico o homem heterossexual, burguês e branco. (Cf. Carvalheiro, Pombo e Triska, 2022).

A psicanálise clássica vai chamar atenção Preciado, tende a elaborar um sujeito ideal de normatividade, sujeita a categoria binária e heterossexual. O tipo de crítica acerca do modo como o paradigma da diferença sexual produz a divisão entre subjetividades inteligíveis e ininteligíveis é explorada a partir da patologização das pessoas trans (Preciado, 2022). O regime da diferença sexual é descrito por Preciado como uma epistemologia política e heteronormativa que molda o corpo, tornando-o uma máquina performativa que legitima o regime político do patriarcado hetero-colonial, estabelecendo a diferença entre o existente e o que não existente socialmente e politicamente. De tal modo que a psicanálise, ao dar sentido aos processos de subjetivação de acordo com o regime da diferença sexual, tenderia a uma consideração patologizante dos processos de transição de gênero e das identificações de gênero não binárias, comumente situando-as no campo das psicoses (Preciado, 2022).

> Não tenho, por outro lado, muita coisa a declarar sobre "as mulheres na psicanálise", senão que sou, como Pedro Vermelho, um transfugitivo. Um dia fui "uma mulher na psicanálise". Recebi a designação do sexo feminino e, assim como o macaco mutante, me desvencilhei dessa "jaula" estreita para entrar em outra – mas ao menos, dessa vez, por minha própria iniciativa(PRECIADO, 2022, p.15).

No texto da conferencia, Preciado desconstrói a maneira como o processo de transição de gênero é entendido por grande parte da medicina e da psicanálise: uma mutação definitiva e irreversível, difícil e perigosa. Primeiramente, o perigo não seria a transexualidade ou o processo de transição per si, mas o regime da diferença sexual que tenta definir fronteiras rígidas entre os sexos que ela institui. Em seguida, pensar a transição de gênero como um processo unidirecional, consequência de um pensamento binário, uma mentira normativa contada pela psiquiatria e pela psicanálise. Preciado afirma, inclusive, que não deixou de ser

Beatriz para se tornar Paul, não se fundiu na masculinidade naturalizada. Sua história dissidente e seu passado político fazem parte da sua subjetividade, sempre em transição (PRECIADO, 2022). É importante lembrar que o tema da "destransição" evocado no campo psicanalítico, é pouco aprofundado para corroborar hipóteses diagnósticas de pessoas trans, como a da histeria e do desejo de destransicionar, apontando para a insatisfação própria da estrutura histérica (Carvalheiro, Pombo e Triska, 2022). A comunicação de Preciado e o seu livro são provocações e uma convocação aos psicanalistas para que saiamos também da jaula dos binarismos da diferença sexual, seja em nossas teorias e práticas, seja em nossas próprias experiências e identificações de gênero: "viver para além da lei patriarcal colonial, da diferença sexual, da violência sexual e de gênero, é um direito que todo corpo vivo deveria ter, mesmo o de um psicanalista" (PRECIADO, 2022, p. 44).

Preciado ao longo da conferência vai apontar os variados papeis designados pelas estreitas amarras do binarismo heteropatriarcal, como a definição do papel social da mulher como procriadora e gestora da manutenção do lar. Para Preciado, os regimes normativos instauram amarras que são reforçadas por modelos patriarcais, endossados em grande medida pelas normas de medicalização.

> Em nossos dias, o feminismo reformista está na moda, e de mais a mais os homens e sobretudo as mulheres não hesitam em se afirmar feministas, não sem insistir sobre o fato, essencial para eles, de que, por respeito à natureza, as mulheres devem permanecer mulheres e os homens devem permanecer homens(PRECIADO, 2022, p.23).

O que está em jogo para Preciado é colocar em crítica os modelos de normatização que partem do pressuposto de uma natureza definidora da condição e do status quo dos indivíduos.

Ao longo da conferência, Preciado vai descrevendo seu longo processo de transição de gênero, ao qual ele afirma ser uma "porta de saída" (PRECIADO, 2022), mais do que um gesto de liberdade transgressora ao binarismo patriarcal, heteronormativo. Dispõe diante de seus ouvintes os processos fisiológicos que se dispuseram em si com a administração autoregulada de testosterona, processo esse descrito amiúde em sua obra autobiográfica *Texto Junkie.*

Com a alteração da voz, Preciado percebeu que sua postura e mesmo sua percepção de mundo começam a mudar, se percebe capaz de interagir com o mundo de modo universal, seu "corpo masculino, branco e heterossexual" lhe outorgava uma espécie de passaporte para a sociabilização indistinta. Nessa condição, diferentemente da invisibilidade criada pela identidade feminina, aqui a invisibilidade masculina passa a ser um operador positivo no jogo estrito do binarismo de gênero.

> Como pessoa trans, a primeira coisa que aprendi foi a caminhar na rua sendo olhado pelos outros como se fosse um homem. [...] Mas, nesse aprendizado, nada foi tão importante quanto entender que, sendo supostamente "homem" e "branco" em um

> mundo patriarco-colonial, poderia acessar pela primeira vez o privilégio da universalidade (PRECIADO, 2022, p. 30)

Preciado apresenta com sua autobiografia de transição de gênero um verdadeiro arquivo vivo epistemológico. Se identificando como um monstro, vai mostrar que está em permanente transição, algo que está sendo escapando aos campos de saber e poder pré-determinados. Para ele, realizar uma transição de gênero é estar sempre inventando um "maquínico", um novo tipo de corpo que se instaura mesmo que provisoriamente, por meio da língua, do hormônio, animal vivo etc. (PRECIADO, 2022). No cerne das instaurações de gênero patriarcais, a transição de gênero opera como uma antigenealogia.

> Trata-se de ativar os genes cuja expressão tenha sido anulada pelo estrogênio ao ligá-los agora à testosterona, iniciando uma evolução paralela da vida, liberando a expressão de um fenótipo que de outra forma teria permanecido mudo (PRECIADO, 2022, p. 39).

Pedro Vermelho, a personagem kafkiana, é um mutante. Esta figura que Paul B. Preciado se identifica ao performar sua posição diante da plateia de membros da Escola da Causa Freudiana, espirituosamente comparada à "Academia das mais altas autoridades científicas", tal qual aparece no conto escrito em 1917 pelo autor tcheco. Como veículo da transgressão epistêmica, Preciado mostra como incômodos normativos ainda persistem na abordagem psicanalítica da sexualidade e, por conseguinte, da própria subjetividade. Uma verdade emerge encarnada na metamorfose visível de seu corpo-linguagem. Seu desejo não está apenas impresso nos significantes que emprega, mas no caráter mutante que assume seu corpo-linguagem.

> Em primeiro lugar, o regime da diferença sexual que as senhoras e os senhores consideram como universal e quase metafisico, sobre o qual repousa e se articula toda teoria psicanalítica, não é uma realidade empírica, nem uma ordem fundadora do inconsciente. Não é nada mais que uma epistemologia do ser vivo, uma cartografia anatômica, uma economia politica do corpo e uma gestão coletivas das energias produtivas (PRECIADO, 2022 p. 49).

Considerando-se também os trabalhos anteriores de Preciado (2010), no qual analisa o aparato de Judith Butler, Preciado identifica que para Butler, é operada uma importante subversão na forma como se serve do termo gênero. Mesmo que tendo sido usado por Money e Stoller em um viés normativo:

> o conceito de gênero para os autores diferenciam o sexo, dito biológico, do campo do gênero, estabelecem uma suposta continuidade entre tais termos, compreendendo a transexualidade, por exemplo, como um distúrbio que só poderia ser tratado pelas técnicas cirúrgicas e hormonais(MARTIN, VIEIRA, 2021).

Visando adequar o sexo ao gênero, o corpo biológico e a sexualidade na terapia passam a corresponder ao gênero com o qual a pessoa se identifica. Contudo, é em meados de 1970 que a noção de gênero se emancipa do contexto médico epistêmico e passa a ser incorporado

pelas teorias feministas. Com isso, o termo se torna um operador que permite uma reflexão crítica importante sobre a naturalização dos estereótipos ligados aos papéis sociais, interrogando os processos de socialização e educação, no qual são transmitidas as normas de gênero. Desta perspectiva, Butler tem o mérito de não se ater apenas a formação social dos papéis de gênero, mas de indicar sua possibilidade de subversão. (Cf. MARTIN, VIEIRA, 2021)

3.3 Butler e a crítica à psicanálise

A obra de Judith Butler ajuda a pensar o modo segundo o qual nos determinamos no mundo, colocando todo um sistema tradicional de signos sobre uma nova perspectiva.

Teríamos uma relação direta entre nossa corporeidade e nossa sexualidade? Considerando a perspectiva psicanalítica, seriamos sempre interpretados sobe uma ótica falocêntrica, heteronormativa? O movimento feminista, inscrevendo-se sobretudo na vertente de Segunda Onda, debate suas pautas considerando um regime de visualidade prescrito, no qual homem e mulher são duas entidades determinadas, com isso levando as divisões instauradas socialmente. Com isso permitindo o surgimento da violência e opressão às mulheres, constituindo e formando uma estrutura, de forma a produzir marcas na subjetividade.

Para Butler, a psicanálise lacaniana é orientada segundo uma matriz heterossexual. Ao invés de contestá-la, a teoria lacaniana acabar por teoricamente dar mais fundamentação a tal matriz. As categorias psicanalíticas como ordem simbólica e diferença sexual acabam por impor regras de inteligibilidade que são assumidas como transcendentais e imunes a transformações sociais. Ficando mais explicito na passagem dos dualismos internos à estrutura da linguagem, como significante/significado, sincronia/diacronia, fala/língua, que acabam articulados com a diferença sexual por meio dos pares de oposições como fálico/castrado, ativo/passivo ou falta-do-lado-do sujeito/falta-do-lado-do-Outro(COSSI, DUNKER, 2016).

Desde tal perspectiva, a diferença sexual age como função de designação, sendo apenas mais um caso da diferença do significante, na qual cada elemento possui valor e significação sobre outro e por todos os outros. A ordem simbólica, como caso de dupla articulação dos sistemas simbólicos, funciona como um paradigma ontológico invertido do realismo naturalista tradicional.

> O sujeito da psicanálise se estruturaria pela matriz das relações normativas da heterossexualidade. A passagem pelo Édipo ‘normalizaria’ e ‘humanizaria’ o sujeito, tornando as espécies de sexualidade, de gênero e de família, como estrutura

> fundamental de socialização, estruturas correspondentes e comensuráveis (COSSI, DUNKER, 2016)

Butler com seus trabalhos a entender uma radicalização dos termos em si da psicanálise, evitando as normas heteronormativas.Para Butler, reside nas repetições performativas a materialização do corpo, deixando que algo subversivo escape e possa vir à tona. O corpo não se presta à estabilidade e maleabilidade que o subordinariam, desse modo buscando evitar às normas. No corpo, a norma fracassa e, nesse fracasso, a norma aparece como contingência. Processo semelhante ao argumento de *Corpos que importam, os limites discursivos do sexo* (BUTLER, 2020), obra em que Butler rearranja os operadores ontológicos da lógica simbólica-normativa ao limite, até que não funcionem mais como tal. Esse método, baseado no paroxismo da repetição, emerge do interior dos próprios códigos de legitimidade, abrindo espaço para estratégias de desmantelamento e reconfigurações interiores ao sistema simbólico e ao cenário social. (COSSI, DUNKER, 2016)

A partir dessa concepção de diferença sexual, entende-se por "gênero aquela parte da diferença sexual que aparece como o social (gênero seria assim o extremo do social da diferença sexual), referente às visões construídas socialmente sobre a masculinidade e a feminilidade" (AUTOR???, 2020, p.185). Gênero traduz a diferença sexual, mas a diferença sexual não se transcreve inteiramente em diferenças de gênero. A diferença sexual não se reduz ao psíquico nem ao social. Não se sabe onde os fatores biológico, psíquico, social e discursivo começam, nem até onde vão para o estabelecimento da diferença sexual (BUTLER, 2004).

> "Gostaria de propor, no lugar dessas concepções de construção, um retorno à noção de matéria não como local ou superfície, mas como um processo de materialização que se estabiliza, ao longo do tempo, para produzir o efeito de demarcação, de fixidez e superfície, que chamamos de matéria [...] Assim, a questão não é mais de que forma o gênero é constituído como e por meio de certa interpretação do sexo[...] mas mediante que normas de regulação o próprio sexo é materializado. E de que maneira o fato de entendermos a materialidade do sexo como algo dado supõe e consolida as condições normativas para que se dê tal materialização?" (BUTLER, 2004, p.28)

4. MODELO FARMACOPORNOGRÁFICO X MODELO PERFORMÁTICO

Conforme Preciado (2008, p. 147) defende "por definição, o corpo feminino nunca é completamente normal fora das técnicas que fazem dele um corpo social", ou seja, fora do consumo de compostos hormonais, como a pílula, design estético etc. Uma biomulher – ou seja, as mulheres supostamente "naturais" – são, na realidade, "artefatos industriais modernos, tecnoorganismos de laboratório" (Ibid., p. 147). Ainda que passando a fase de menopausa, mulheres seguem se subordinando a procedimento microprostéticos hormonais buscando manter sua feminilidade mesmo após o fim de seu ciclo menstrual

> […] a tecnomulher do século XXI torna-se uma potencial consumidora de hormônios sintéticos durante quase cinquenta anos: aos cinquenta de tratamento contraceptivo somam-se hoje dez ou quinze anos de tratamento pós-menopáusico (Ibid., p.137).

Usando como suporte o trabalho de Donna Haraway, Preciado vai indicar que no capitalismo farmacopornográfico, deve-se falar em um tecnocorpo e não somente de corpo. Procedimentos estéticos, transição de gênero, medicalização do corpo. O corpo segundo Preciado é uma *"entidade tecnoviva multiconectada que incorpora tecnologia. Nem orgasmo, nem máquina: tecnocorpo"* (Ibid., p. 39). Considerando esta perspectiva, Preciado realiza uma afirmação análoga em referência à noção de gênero. De fato, a noção de gênero deveria dar lugar à de tecnogênero.

> Seria [...] mais correto em termos ontopolíticos, falar de tecnogênero, se queremos dar conta do conjunto de técnicas fotográficas, biotecnológicas, cirúrgicas, farmacológicas, cinematográficas ou cibernéticas que constituem performativamente a materialidade dos corpos (Ibid., p. 86).

Deste modo, a posição de Preciado se afasta radicalmente do modelo performativo butleriano da construção social da identidade de gênero. Preciado em nenhum momento tem a intenção de realizar uma análise fenomenológica da constituição social do gênero como a realizada por Butler[41]. De seus desenvolvimentos teóricos, todavia, pode-se deduzir um modelo teórico alternativo da construção do gênero que é capaz de dar conta de aspectos da cotidianidade contemporânea deixados de lado pela concepção performativa de Butler.

Em Butler, a identidade de gênero é construída no plano social mediante a repetição sustentada de atos corporais estilizados que buscam acercar-se de ou imitar um ideal morfológico de gênero. Desde a posição butleriana, com efeito, uma "*mulher*" se constitui como tal mediante a performance contínua de gestos, comportamentos e movimentos que

[41] BUTLER, J. Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade. Civilização. São Paulo 2022.

seguem as direções do papel de gênero feminino, tal como é definido pelo roteiro da heteronormatividade. Sem deixar de os devidos créditos a esta concepção, Preciado considera que ela

> tropeça quando trata de explicar a modificação da estrutura da vida que opera em nossas sociedades pós-moneístas [já que] ignora as tecnologias de incorporação específicas que operam nas diferentes inscrições performativas da identidade(PRECIADO, 2009, p. 31).

Portanto, podemos identificar que duas posições antagônicas se desenham aqui, por um lado a defesa da identidade de gênero como um construto, configurado e desenhado conforme a situação social em que se encontra. Do outro, uma identidade que busca desenhar tecnopoliticamente, por meio de aparato farmacopornográfico, criando um corpo à vontade do indivíduo.

Ainda com essa divergência de agenciamentos do corpo, é preciso considerar que tanto a postura de Butler quanto a postura de Preciado demonstram como ao corpo enquanto agente da significação do gênero é pouco. Temos poder sobre nossa natureza. Reconhecer isso é compreender que não estamos natural e ontologicamente definidos, mas que nossa natureza ganhou uma relevância menor – principalmente em termos políticos – no modo pelo qual nos definimos enquanto “sujeitos de um gênero”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou apresentar o panorama do(s) feminismo(s) em relação as formulações identitárias dos três autores(as) aqui utilizados. Foucault, Butler e Preciado.

Os três apresentam pontos de divergência e comuns entre si. A perspectiva da formação do sujeito foucaultiana nos ajuda a compreender que os regimes discursivos e de poder instauram modos de existência que são capturados dentro de operadores institucionais, e que as identidades universalizadas são apenas ficções regulativas, de modo que precisamos compreender como essas identidades são formadas e em quais condições estabelecem-se como regimes de verdade. A análise foucaultiana da ética grega do cuidado de si ajuda a apontar como alternativa a uma identidade essencializada uma via alternativa, uma linha de fuga que permite novos modos de ser e agir políticos. O feminismo contemporâneo como visto no capítulo 03 busca invalidar em grande parte das analises o trabalho de Foucault, em geral por uma incompreensão dos termos mesmos de sua exposição. Considerado que a recusa dos universais coloca em questão parte da sustentação de um certo modelo de modernidade, que subscreve uma identidade pré-determinada, usar Foucault como ferramenta de combate político e epistêmico, como também apresentado no capitulo referido, revela-se um instrumental mais potente e promissor, essencializar a identidade feminina consideradas as perspectivas aqui apresentadas mantem a mesma regulação patriarcal, heteronormativa, que exclui outras configurações possíveis, como a mulher transsexual ou a lésbica.

Do escopo apresentado com Butler, vimos que toda identidade funciona como uma grande articulação performática, designando o gênero conforme os modos possíveis de manifestação de um sujeito. Sobre tal ótica, Butler empreende uma radicalização no modo segundo o qual percebemos não somente as alteridades como a nós mesmos. Gênero não circunscreve mais uma categoria essencializada e substancializada, mas um gesto, um ato, que dentro da experiência social, tem impacto político. Aqui, a mulher não precisa ser o feminino nos termos do patriarcado, mas aquilo que se desejar construir performaticamente.

Por fim com o aporte a Preciado, identificamos que o gênero é criado conforme dispositivos epistêmicos e farmacológicos. A experiência de autogestão de testosterona de Preciado não apenas apresenta uma perspectiva singular em termos epistemológicos, como ajuda a levantar novas discussões sobre gênero e sexo. Na medida em que somos possíveis de regular nossa anatomia, podemos construir existências politicas outras que colocam todo regime de normatividade heterossexual e patriarcal inócua, visto que podemos reconstruir nossos sujeitos

objetificados pela natureza e por regimes biopoliticos em novas naturezas farmacopoliticas.

REFERÊNCIAS

CABRAL, Alexandre. *Desidentidades e Resistências, Ensaio de Alterogêneses Político-Existenciais.* Via Verita, Rio de Janeiro, 2020

GARCIA, Carla. *Breve História do Feminismo*. Editora Claridade. São Paulo, 2011

BADINTER, Elisabeth. *Rumo Equivocado.* Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2005

BENHABIB,Seyla; BUTLER, Judith; CORNELL, Drucilla; FRASER, Nancy. *Debates Feministas, um intercâmbio filosófico.* São Paulo, Unesp, 2018.

BROWN , Rosalind. *Christine de Pizan and the Moral Defence of Women Cambridge University* Press, Uk, 1999

BROWN-GRANT,Rose *Introduction*, in *The book of the city of ladies*, Christine de Pizan, London, Penguin Books, Uk, 1999

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero:* Feminismo e subversão da identidade. Civilização, Brasileira, Rio de janeiro, 2013

_____ *Corpos que importam: Os limites discursivos do "sexo"*. n-1 edições São Paulo, 2022.

DELAP, Lucy. *Feminismos, uma história Global.* Companhia das Letras, São Paulo, 2020.

FRIEDAN, Betty. *A mística Feminina.* Rosa dos Tempos, São Paulo, 2020.

PRECIADO, Paul .*Testo Junkie, Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica.* N-1 edições, São Paulo, 2018

_____ *Eu sou o monstro que vos fala.* Zahar, Rio de Janeiro, 2022.

__ *Manifesto Contrassexual.* N-1 edições, São Paulo, 2017.

RIBEIRO, Djamila.*O que é lugar de fala.* Letramento, São Paulo, 2013

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber. Rio de Janeiro:* Forense Universitária, 2005.
_____. *A ordem do discurso.* São Paulo: Loyola, 2006.
_____. *As palavras e as coisas, uma arqueologia das ciências humanas.* São Paulo: Martins Fontes, 1999.
_____. *A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro:* NAU Editora, 2005a.
Microfísica do Poder. Paz e Terra.
_____. *Microfisica do Poder,* Paz e Terra, Rio de janeiro, 2022.
_____ *História da Sexualidade Volume I,* A vontade de saber. Paz e Terra, Rio de janeiro, 2012
_____ *História da Sexualidade Volume II.* O uso dos Prazeres. Paz e Terra, Rio de janeiro, 2014
_____ *História da Sexualidade Volume III.* O Cuidado de Si. Paz e Terra, Rio de janeiro, 2014

HOOKS, Bell.*O Feminismo é para Todo Mundo.* Políticas Arrebatadoras. Rosa dos Tempos, São Paulo, 2018

MILL, John Stuart. *Sobre a Liberdade, a Sujeição das Mulheres.* Penguim-Companhia, São Paulo, 2017

MBEMBE, Achille *Crítica da Razão Negra.* N-1 edições, São Paulo, 2018

MCLAREN, Margareth, *Foucault, Feminismo e Subjetividade.* Intermeios, São Paulo, 2016

PIZAN, Christine de. *A Cidade das Damas.* Editora Mulheres, Florianópolis, 2012.

SPIVAK, Gayatri.*Pode o subalterno falar?* Editora UFMG, Belo Horizonente, 2010

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reinvindicações do Direito da Mulher.* Boitempo, São Paulo, 2016

WHELEHAN, Imelda.*Modern Feminist thought*, Edinburg University Press, Edinburg, 1995